

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO

“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”



José Manuel Sousa Couto

MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Porto, 2022

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA
FACULDADE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO

“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”



José Manuel Sousa Couto

MESTRADO EM ARQUITETURA E URBANISMO

Porto, 2022

José Manuel Sousa Couto

Tendências Contemporâneas dos Espaços Cemiteriais



Porto, 2022

Orientador: Prof^o Doutor Luís Miguel de Oliveira Branco Teixeira

Trabalho apresentado à Universidade
Fernando Pessoa como parte dos
requisitos para obtenção do grau de
mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Assinatura: _____

Resumo

Procura-se com a presente Dissertação de Mestrado refletir sobre o espaço cemiterial existente, as suas carencias e as tendências contemporâneas na atualidade, tendo em conta a mudança emergente do paradigma sobre o culto da morte.

Os espaços destinados à finitude do Homem, para além da função primária de inumação carecem de valências, qualidade espacial e humanização dos espaços que permitam o apaziguamento do sentimento da perda.

A arquitetura pode desempenhar o seu papel de mediadora na relação entre os presentes e os ausentes e proporcionar no âmbito urbanístico e arquitetónico o equilíbrio entre a implantação dos espaços, a organização espacial, funcional e as dinâmicas que lhe envolvem.

Espera-se com este trabalho a obtenção de conhecimentos que contribuam para a conceção de novos conceitos e propostas formais no sentido de valorização do espaço de evocação da memória coletiva dos Mortos, com qualidade espacial, novas valências e que sejam referência de novos espaços contemporâneos.

Palavras chave:

Finitude, Cemitério, Crematórios, Tanatórios, Sustentabilidade

Abstract

It seeks with this Master's Thesis to reflect on the existing cemiterial space its needs and the contemporaneous tendencies nowadays, taking into account the emerging change of the paradigm on the cult of death.

The spaces destined to the finitude of man, in addition to the primary function of inhumanization lack valencias, spatial quality and humanization of spaces that allow the appeasement of the feeling of loss.

Architecture can play its role as a mediator in the relationship between those present and absent and provide in the urban and architectural sphere the balance between the implementation of spaces, spatial organization, functional and the dynamics that surround it.

It is expected with this work to obtain knowledge that contributes to the conception of new concepts and formal proposals in the sense of valuing the space of evocation of the collective memory of the Dead, with spatial quality, new valencias and that are reference of new contempora spaces.

Keywords: Finitude, Cemetery, Crematoria, Tanatories, Sustainability

Dedicatória

Dedico este projecto Academico ao meu Pai Manuel Couto da Rocha “Pinto”, que não pôde estar presente fisicamente no término da minha vida académica.

À minha esposa Lurdes, pelo apoio paciência, dedicação e apoio dado aos filhos e o marido, principalmente quando os três se encontravam em simultâneo em percurso académico.

Aos meus filhos Nuno e Ricardo pela postura que mantiveram nos seus percursos academicos e pessoais, mesmo privados da minha presença em muitos periodos de tempo.

Agradecimentos

A todos os que contribuíram para a realização deste trabalho em especial para:

Dr. Paulo Boto responsável pelo Arquivo da Câmara Municipal de Espinho.

Aos quatro Presidentes de Junta de Freguesia do Concelho.

A Arquitecta Ana Patrícia Bastos Vieira.

Ao Arq^a Carlos Fazenda

A Professora Doutora Arq^a Sara Sucena

Aos meus colegas de Curso, em especial ao Eduardo Moura, Joaquim Pereira, Humberto Graça, Aventino Pereira e Mário Oliveira.

A Universidade Fernando Pessoa

Ao Prof. Doutor Miguel Branco Teixeira, Meu orientador pelo incentivo, motivação e disponibilidade dada, tendo contribuído para a confirmação da minha decisão no Tema escolhido.

Citação

"Tudo quanto vive, vive porque muda; muda porque passa; e, porque passa, morre. Tudo quanto vive perpetuamente se torna outra coisa, constantemente se nega, se furta à vida."

Fernando Pessoa.

Índice

Resumo	I
Abstract	II
Dedicatória	III
Agradecimentos	IV
Citação	V
Índice	VI
Índice de figuras	VIII
Índice de tabelas	XI
I - Introdução	1
I.1 - Objetivo	1
I.2 - Motivação	1
I.3 - Metodologia	1
II - Finitude, Espaço e Arquitetura.....	3
II.1 - Culto e Contexto Físico e Social	3
II.2 - Sustentabilidade, Cremação e Decomposição Aeróbia	8
III - Contexto Histórico dos Espaços Cemiteriais.....	16
III.1 - Momentos marcantes do culto da morte	16
III.2 - A Evolução dos cemitérios em Portugal	25
IV - Os Espaços Cemiteriais	30
IV.1 - Na Europa	30
IV.2 - Em Portugal	34
V - Estudo de caso - Os Cemitérios de Espinho	45
V.1 - Contextualização	45
V.2 - Cemitério de Anta	48
V.2.1 - Enquadramento territorial.....	48

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

V.2.2 - Origens e referências do Cemitério	49
V.2.3 - Caracterização e Morfologia	52
V.2.4 - Breve nota final de avaliação sobre o Cemitério de Anta	54
V.3 - Cemitério de Guetim	56
V.3.1 - Enquadramento territorial.....	56
V.3.2 - Origens e referências do Cemitério	57
V.3.3 - Caracterização e Morfologia	59
V.3.4 - Breve nota final de avaliação sobre o Cemitério de Guetim.....	61
V.4 - Cemitério de Paramos	62
V.4.1 - Enquadramento territorial.....	62
V.4.2 - Origens e referências do Cemitério	63
V.4.3 - Caracterização e Morfologia	66
V.5 - Cemitério de Silvalde	69
V.5.1 - Enquadramento territorial.....	69
V.5.2 - Origens e referências do Cemitério	70
V.5.3 - Caracterização e Morfologia	73
V.5.4 - Breve nota final de avaliação sobre o Cemitério de Silvalde.....	75
V.6 - Cemitério de Espinho	76
V.6.1 - Enquadramento territorial.....	76
V.6.2 - Origens e referências do Cemitério	77
V.6.3 - Caracterização e Morfologia	79
V.6.4 - Breve nota final de avaliação sobre o Cemitério de Espinho.....	81
V.7 - Reflexão sobre as características dos Cemitérios de Espinho	83
VI – Conclusão	86
Bibliografia.....	88

Índice de figuras

Figura 1 - Mapa de crematórios em Portugal	11
Figura 2 - Crematório "Uitzicht" em Kortrijk	12
Figura 3 - Planta Crematório "Uitzicht" em Kortrijk	12
Figura 4 - Esquiço projeto ampliação do cemitério de Vila Franca de Xira	13
Figura 5 - Alçado ampliação do cemitério de Vila Franca de Xira	14
Figura 6 - Cemitério – S. Roque - Ilha do Pico	14
Figura 7 - Cemitério – Lousa - Loures	14
Figura 8 - Stonehenge.....	17
Figura 9 - Pirâmides de Gize	17
Figura 10 - Catacumbas.....	18
Figura 11 - Via espia	19
Figura 12 - Pirâmide Caius Cestius	20
Figura 13 - Particolare dell' Interno - Camposanto Monumentale di Pisa	21
Figura 14 - Cemitério de Modena	22
Figura 15 - Cemitério de San Michele	23
Figura 16 - Cemitério de Finisterra	23
Figura 17 - Dolmem da Barrosa – Vila Praia de Âncora.....	25
Figura 18 - Vistas de antas desenhadas a carvão.....	26
Figura 19 - sepulturas no interior da capela Casa dos Viscondes da Várzea	26
Figura 20 - Cemitério di Armea - Sanremo - Italia	30
Figura 21 - Ossario Cemitério di Armea - Sanremo – Italia	31
Figura 22 - Jazigos Cemitério di Armea - Sanremo – Italia -.....	31
Figura 23 - Tanatório Municipal de León	32
Figura 24 - Cemitério de Monchique	35
Figura 25 - Vista aérea cemitério Monchique - Guimarães.....	36
Figura 26 - Cemitério nº 3 de S. João da Madeira.....	37
Figura 27 - Cemitério de Faro	38
Figura 28 - Planta Cemitério de Faro	40
Figura 29 - Cemitério Boliqueime.....	41
Figura 30 - Cemitério de Boliqueime.....	42
Figura 31 - Tanatório de Sendim, em Matosinhos	43
Figura 32 - Localização dos 5 cemitérios do concelho de Espinho.....	47

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

Figura 33 - Localização e registo da população da freguesia de Anta (1894 – 2021)....	49
Figura 34 - Localização do Cemitério de Anta.....	49
Figura 35 - Extrato do PDM classificação de solo em Anta	50
Figura 36 - Imagens do cemitério de Anta	50
Figura 37 - Ampliações Anos 1900 e 1920	51
Figura 38 - Ampliações Anos 1950 e 1990	51
Figura 39 - Planta sem escala cemitério de Anta.....	52
Figura 40 - Localização e registo da população da freguesia de Guetim (1894 - 2021)	56
Figura 41 - Localização do Cemitério de Guetim	57
Figura 42 - Extrato do PDM classificação de solo em Guetim	57
Figura 43 - Imagens do Cemitério de Guetim	58
Figura 44 - Ampliações Anos 1918 e 1970	58
Figura 45 - Planta sem escala Cemitério de Guetim	59
Figura 46 - Localização e registo da população - freguesia de Paramos (1894 - 2021).	62
Figura 47 - Localização do Cemitério de Paramos.....	63
Figura 48 - Extrato do PDM classificação de solo em Paramos	63
Figura 49 - Extrato do estudo nova classificação de solo.....	64
Figura 50 - Imagens do Cemitério de Paramos	64
Figura 51 - Ampliações do Ano de 1900 e 1920.....	65
Figura 52 - Ampliações do Ano de 1950 e 1985.....	65
Figura 53 - Planta sem escala Cemitério de Paramos.....	66
Figura 54 - Ossário e localização no espaço cemiterial	67
Figura 55 - Localização e registo da população da freguesia de Silvalde (1894 -2021)	69
Figura 56 - Localização do Cemitério de Silvalde	70
Figura 57 - Extrato do PDM classificação de solo em Silvalde	71
Figura 58 - Imagens do Cemitério de Silvalde	71
Figura 59 - Ampliações do Ano de 1967 e 1989.....	72
Figura 60 - Ampliações do Ano de 1991 e 2006.....	72
Figura 61 - Planta sem escala Cemitério de Silvalde	73
Figura 62 - Localização e registo da população - freguesia de Espinho (1900 – 2021).	76
Figura 63 - Localização do Cemitério de Espinho	77
Figura 64 - Extrato do PDM classificação de solo em Espinho	78
Figura 65 - Imagens do Cemitério de Espinho	78
Figura 66 - Ampliações do Ano de 1952 e 1974.....	79

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

Figura 67 - Planta sem escala Cemitério de Espinho 79

Índice de tabelas

Quadro 1 - Ano de Construção e Área dos Cemitérios de Espinho	46
Quadro 2 - Sintetização das características do Cemitério de Anta.....	54
Quadro 3 -Sintetização das características do Cemitério de Guetim.....	60
Quadro 4 - Sintetização das características do Cemitério de Paramos.....	67
Quadro 5 - Sintetização das características do Cemitério de Silvalde	74
Quadro 6 - Sintetização das características do Cemitério de Espinho	81
Quadro 7 - Comparação características do Cemitérios Concelho de Espinho	83

I - Introdução

I.1 - Objetivo

O objetivo da presente dissertação, desenvolvida no âmbito da Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, é contribuir para despertar e motivar o interesse pelo espaço cemiterial, como sustentável no campo espacial e ecológico, de vivência, de preservação a memória sem desvirtuar função primária de inumação.

Também se pretende fornecer pistas que ajudem a repensar e reinterpretar estes espaços, considerando as relações atuais que os espaços cemiteriais estabelecem com a urbanidade e o público, o culto e as mudanças de paradigma civilizacional.

I.2 - Motivação

Contribuir com este trabalho para o reforço de dignificação destes espaços de forma a inverter a negação comum e a minoração de importância destes locais de despedida e de memória que guardam parte da história humana.

“Sabe que tem presente porque houve passado e que mais cedo ou mais tarde, enterrado ali também, será para os descendentes consciência e justificação do Futuro”

(Torga, 2011, p. 333).

Reforçar a possibilidade de subverter a limitação vivencial dos cemitérios que se reduz quase a uma concentração de visitas aos túmulos no dia 1 de novembro, festividade cristã, e cerimónias fúnebres, *“os cemitérios atuais são armazéns de cadáveres desterrados da nossa familiaridade...”* (Torga, 2011, p. 332), de forma a proporcionar uma atmosfera de apaziguamento, de reflexão e de contemplação.

I.3 - Metodologia

A abordagem do presente trabalho passou, numa primeira fase, pela pesquisa no campo teórico com o intuito de compilar elementos de suporte para o enquadramento do tema na sua componente histórica e sociocultural, com o objetivo de alargar e consolidar

conhecimentos sobre as mudanças de paradigma da relação homem com a sua finitude e as mutações físicas dos espaços.

Numa segunda fase, tendo como objetivo analisar e refletir sobre o entendimento das relações que se estabelece entre o espaço cemiterial, a envolvente e o utilizador, foi efetuado trabalho de campo percorrendo espaços na europa e no território nacional, incidindo particularmente nos cinco espaços cemiteriais correspondentes as freguesias que compõem o concelho de Espinho.

Foram efetuadas algumas análises, a partir da própria realidade do concelho de Espinho, com base na sua cartografia, a várias escalas e em diferentes épocas, acompanhada de revisão bibliográfica para uma identificação dos diferentes contextos urbanos e relações que aí se estabelecem.

Recorrendo à observação, à leitura de plantas, fotografias aéreas e imagens, procurou-se relacionar um conjunto de características formais dos cemitérios existentes do concelho, identificando momentos de evolução e transformação espacial.

II - Finitude, Espaço e Arquitetura

A Morte é um acontecimento inevitável, o fim da ligação física afetiva, o mistério após a finitude e a memorização, são questões que estão na gênese do culto e conseqüentemente dos espaços de enterramento.

Como refere Bonjardim (2010), o espaço cemiterial é o local identitário dos que nos são mais próximos

“Toda cidade ou espaço urbano é passível de reconstrução na medida em que a sociedade se desenvolve, isto é, se modifica, e consciente ou inconscientemente reorganiza seu espaço. Com essa afirmação, pode-se completar que a morte, como produto social, vai modificando o espaço das cidades juntamente com a sociedade. No decorrer da história são muitas as alterações que aconteceram no território da morte.”

De acordo com Santo (2020, p.125), A Arquitetura define o cemitério em dois aspetos cruciais: aquando da realização do projeto, como já percebemos planeamento e projeto, distribuição de vias, relações espaciais, edificação das estruturas consideradas necessárias ao funcionamento deste equipamento e no preenchimento do espaço cemiterial com monumentos funerários. Neste último, não há um autor ou um conjunto de autores específico; há vários. O cemitério é um espaço interessante no sentido em que é cidade e equipamento urbano em simultâneo, em que o domínio público e a propriedade privada se fundem quase ambigüamente.

A Arquitetura não pode mudar totalmente o curso das coisas, mas está presente na organização dos espaços que exprimem as relações entre o mundo físico e o transcendental e daí a sua relevância nos espaços cemiteriais e, logo, no contexto social.

II.1 - Culto e Contexto Físico e Social

Segundo Catroga (2010 p.166), em “O culto dos mortos como poética de ausência”

“todo e qualquer cemitério, e particularmente o cemitério oitocentista, deve ser visto como um lugar por excelência de reprodução simbólica do universo social

e das suas expectativas metafísicas. E este simbolismo decorre do facto de, como sublinhou Gaston Bachelard, a morte ser “primeiramente uma imagem”. O que se compreende, pois, segundo o célebre aforismo de Rochefoucauld, “nem o sol, nem a morte se podem olhar de frente”. E esta primeira característica determina a existência de uma ligação estreita entre o culto dos mortos e a memória.”

O mistério, as crenças e os rituais, de cada cultura, manifestam a interpretação da morte nos diferentes elementos arquitetónicos funerários do modo como se encara a morte, no entanto o carácter sagrado e imutável das construções funerárias, espelha a reverência dos homens perante os seus antepassados.

De acordo com Vieira (2010, p.24), durante toda a história da civilização ocidental, a morte foi um acontecimento público, com uma série de rituais presididos pelo moribundo, que estava consciente da sua situação. À medida que se aproximava o século XIX com, por um lado, os avanços no campo da medicina, e por outro, a fortificação dos laços familiares e da “afetividade”, o moribundo começou a entregar o seu destino às mãos dos médicos, e a hora exata da sua morte deixou de lhe ser tão evidente. A família deixou de o informar sobre a sua condição, numa tentativa de o proteger dador de saber que ia morrer, e o doente terminal perdeu o direito de executar os ritos de despedida que praticavam nos séculos anteriores.

Assim a atitude perante a morte paulatinamente passa mais para o foro privado em detrimento de um acontecimento público; a família dissimula a gravidade do estado do doente e este finge que não sabe que vai morrer.

Por outro lado, a morte perdeu a sua beleza romântica, para se tornar algo de horrível e macabro. Já não se encarava a morte como algo desejável; numa cultura que prezava cada vez mais o prazer, a momentaniedade, a celebração da vida, o futuro e a juventude, a morte tornou-se um assunto do qual não se deve falar. É a morte-tabu, a morte rejeitada, que perdura até aos nossos dias. O período do luto, anteriormente tido como obrigatório após uma morte, é atualmente renegado; a sociedade já não apoia os seus membros que demonstrem dor pela perda de um ente próximo. Os enlutados são excluídos até conseguirem esconder os seus sentimentos, e se tornarem de novo membros ativos do sistema social (Vieira, 2010).

O afastamento dos espaços cemiteriais da malha urbana, por motivos sanitários no século XIX, e a segregação destes equipamentos no século XX por motivos sociais e culturais, contribuíram para o sentimento crescente do sentimento de rejeição da morte. Os cemitérios passaram a ser conotados como lugares sinistros e ignorados pelos principais movimentos arquitetónicos da atualidade.

Desata forma, com o desinteresse dos arquitetos e teóricos de arquitetura, os cemitérios continuavam com problemas (sobrelotação, absorção pelo desenvolvimento urbano, inadequação às necessidades culturais da população), que foram, regra geral, remediados parcamente e de um modo simplista pelo poder governamental.

Como refere Oliveira (2007, p 161-162)

“Quando, nas primeiras décadas do Novecentos, começaram-se a manifestar transformações profundas no campo da arquitetura, a necrópole não reagiu a esse estímulo e o crescimento e ampliação das suas áreas prosseguiram de uma forma anónima e desconectada dos movimentos arquitetónicos que entretanto se afirmavam, num distanciamento que simultaneamente traduzia o progressivo afastamento da sociedade face às manifestações materiais e rituais da morte.(...) No seio de uma cultura progressivamente asséptica, reencontramos a necrópole na sua condição urbana e social de território estigmatizado (porque silenciado) e impuro.”

Até ao final do século XIX, a prévia existência de uma igreja ou capela era condicionalismo em Portugal para a construção dos espaços cemiteriais, a distinção entre cemitério e igreja era dissociável, pois a sacralização conferia dignidade e respeito ao local.

As ideias Liberais e iluministas para a implementação de construção de cemitérios públicos com novos modos de sepultamento e culto, foi conseguida pela necessidade e urgência imposta pela necessidade emergente das epidemias que varreram o país entre 1833 e 1855.

Como sublinha Vieira (2010)

Os cemitérios portugueses e os do Porto em particular, apresentam características que os tornam singulares face aos outros cemitérios seculares. Embora construídos fora do espaço sagrado das igrejas, só eram considerados dignos de uso depois de serem consagrados, todos deveriam ter uma capela

para celebração dos cultos, ou seja, embora públicos mantiveram-se sob a égide da Igreja Católica. Se não eram administrados diretamente, certamente eram dirigidos sob o ponto de vista da fé. No Porto os cemitérios públicos oitocentistas, além da existência das capelas e da bênção oficial possuem espaços privados dirigidos pelas ordens religiosas. Era uma solução para o aceiteamento, por parte da população essencialmente católica, dos cemitérios públicos como espaços dignos ao uso, uma forma de contornar a estranheza provocada pelas mudanças

No caso dos cemitérios de Lisboa e do Porto. Os cemitérios de Lisboa (Cemitério dos Prazeres/cemitério Ocidental e Cemitério do Alto de São João/cemitério Oriental) foram oficialmente criados em 1835, na sequência do Decreto, apesar dos terrenos onde se implantaram terem sido utilizados como locais de inumação desde 1833 devido à epidemia de cólera. A sua localização era, à data, no exterior dos limites da cidade (cumprindo assim os requisitos sanitários e distância às áreas habitadas), tendo sido englobados pelo crescimento urbano. Ambos possuem um plano inicial da autoria de José da Costa Sequeira, datado de 1834, (Vieira, 2010, p.18;19).

O Cemitério dos Prazeres implantado próximo de zonas residenciais aristocráticas e o Cemitério do Alto de S. João próximo dos bairros da zona mais carenciada, foram á data reflexo de representação do status social.

Nos Prazeres dividido em três zonas de inumação (zona de inumação em mausoléus, em valas comuns e de sepulturas com lápides), surgiram construções enfatizando monumentalidade, onde podemos encontrar um dos expoentes máximos da arquitetura funerária portuguesa, o Mausoléu familiar do duque de Palmela.

No Alto de S. João a precariedade das condições iniciais do seu funcionamento deram lugar a melhorias significativas após o sepultamento de homens ilustres representantes da República e da Maçonaria.

No Porto, elaborado projeto da autoria de Costa Lima (datado de 1838) foi criado em 1839 como primeiro cemitério público na antiga Quinta do Prado do Bispo, o cemitério do Prado do Repouso.

Este local, pensado em contexto urbano é atravessado em toda a sua extensão por uma alameda arborizada que previa a construção de um templo no remate da mesma, no

entanto não passando de intenção foi utilizada para o culto a capela do transepto da inacabada igreja de S. Victor.

Posteriormente no ano de 1855 e como consequência da epidemia de cólera desse ano surgiu com carácter provisório, o Cemitério de Agramonte. Em 1866 o projeto para ampliação e reorganização do recinto de autoria do engenheiro Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa e a instalação de zona privada da Ordem do Carmo deram a este equipamento uma percepção de mais dignidade por parte da população.

Os equipamentos cemiteriais foram sendo construídos no resto do território mediante iniciativa e limitações orçamentais do poder local. Próximo das igrejas nos meios rurais privilegiando cotas altas e orientação Nascente ou Norte, nas cidades condicionados pela disponibilidade do solo afastados da malha urbana.

Tipologicamente, os cemitérios consistiam numa mistura do esquema de cemitério-museu e cemitério-jardim, numa reprodução miniatural dos traçados da cidade, que incluía arruamentos, quarteirões e arborização dos passeios. Dois modelos de traçado destacam-se como os mais utilizados: o ortogonal com quarteirões retangular (que permitia mais espaço para a construção de jazigos, mas menos espaço para as sepulturas mais pobres), e o irradiante, de esquema tridentino (esquema muito usado na arquitetura dos jardins). A decoração arbórea consistia regra geral em ciprestes e acácias, (Vieira, 2010, p.21).

O contexto físico-social é patente na distribuição do espaço cemiterial, quando classes mais abastadas ocupam as frentes dos quarteirões com jazigos de família dominante no século XIX, ficando o interior dos talhões, sem visibilidade e com acessos condicionados, para às sepulturas dos pobres.

Como refere Vieira (2010, p.22) os cemitérios portugueses são, no contexto europeu, aqueles nos quais a analogia com a cidade dos vivos é mais clara e evidente, nos quais o espaço é maioritariamente ocupado com construção, os monumentos funerários são casas em miniatura, os talhões são pequenos quarteirões, e existe diferenciação/marginalização social como em todas as cidades.

II.2 - Sustentabilidade, Cremação e Decomposição Aeróbia

O tema da sustentabilidade, atual e de enorme importância conduz a uma prioridade na utilização de métodos construtivos que promovam a preservação do meio ambiente e os recursos naturais.

A arquitetura tem um papel fundamental na implementação de métodos construtivos que promovam e fortaleçam a sustentabilidade das construções e que sejam o garante de maior qualidade de vida nas gerações presentes e futuras.

A construção sustentável não deve ser encarada como um modelo que resolve problemas pontuais, mas como uma forma de pensar global. Esta centraliza-se num novo paradigma da arquitetura onde assenta em princípios base como intervir no meio ambiente, preservando-o, recuperando-o numa harmonia perfeita.

A construção sustentável actual baseia-se no desenvolvimento de um modelo que confronta e propõem soluções para resolver problemas ambientais, com a pretensão de criar edificações que correspondam às necessidades dos seus usuários. Esta envolve uma equipa multidisciplinar complexa, composta por: arquitetos; engenheiros; paisagistas, sociólogos; psicólogos; filósofos e historiadores. Moreira (2010, p.57)

“A qualidade da arquitetura, seja à escala do edifício seja à escala do pormenor, envolve: adequação ao uso, durabilidade no desempenho e prazer. A adequação ao uso envolve considerações ergonómicas, especialmente para os mais débeis e incapacitados, bem como a seleção correta dos materiais, de acordo com as funções que irão desempenhar. A durabilidade no desempenho envolvente uma duração apropriada, tendo em conta todos os custos ao longo do seu ciclo de vida, incluindo os ambientais. O prazer advém da elegância, do estilo e da contribuição que tem, para a arquitetura do edifício, mesmo os mais pequenos pormenores”.

Seguidamente irei abordar as tendências de inumação contemporâneas em utilização, como a cremação, a decomposição por decomposição aeróbia e a hidrólise alcalina.

Não pretendendo enfatizar historicamente a cremação em Portugal irei apenas pontuar algumas referencias históricas.

A cremação em Portugal é uma marca da antiguidade pré-cristã, sendo praticada pelos povos Iberos, entre os quais contamos os Lusitanos. Sendo Portugal de raízes profundamente católicas, encontram-se no Génesis (3:19), onde Deus diz especificamente a Adão que “da terra foi tomado e à terra tornará” a cremação era tema Tabu.

Foi apenas no ano de 1963 que o Papa Paulo VI no âmbito das reformas do Concílio do Vaticano II que autoriza a cremação de Católicos, que originou um extremar das posições no seio da igreja, só mais tarde em 1997 passa a ser possível cremar um indivíduo antes da celebração da liturgia.

Em Portugal surge no século XX, sendo no Cemitério do Alto de São João – Lisboa, instalado o primeiro forno crematório em 1925 que funcionou até 1936 ano de encerramento após um longo processo de discussão pública, posteriormente foi reativado no ano de 1985.

O processo de cremação tem obtido uma crescente adesão, fruto de vários fatores como:

- A crescente falta de espaço físico para inumações nos cemitérios.
- As mudanças de atitudes na família perante o tempo para cuidar dos jazigos.
- A diminuição de influencia da Igreja católica.
- A perda progressiva de raízes das famílias, fruto da mobilização laboral global.

O jornalista João Miguel Salvador em 2020 em artigo no Expresso com o título “O adeus ao corpo. Como a cremação está a conquistar os portugueses” escreve:

“O número de cremações em Portugal cresce como nunca, e a pandemia pode ter acelerado a transição. No ano passado, mais de 21 mil pessoas preferiram que a terra não fosse a sua última morada e os números de 2020 prometem uma revolução na hora da morte. Espelho de uma grande mudança na forma como a sociedade encara o fim da vida? Em Lisboa, as cremações já são a maioria, e o país está a acompanhar a tendência”

Atentos as mudanças de Paradigma sobre os processos de decomposição dos defuntos não devemos menosprezar a sustentabilidade e os problemas ambientais que lhe estão inerentes.

Morrer não é o fim dos nossos problemas, a nível do ambiente. A decomposição do nosso corpo origina uma "contaminação microbiológica e por nitratos dos lençóis freáticos", diz Alberto Silva Lima, professor da Universidade do Minho na área das Ciências da Terra.

A cremação também necessita de cuidados, vernizes, tecidos sintéticos e madeiras utilizadas nos caixões dificultam a decomposição do corpo, assim como os elementos metálicos que em conjunto com os nitratos absorvidos no solo podem originar doenças graves às populações.

Existem já uma preocupação na diminuição dos efeitos negativos com a introdução de filtros para reter as dioxinas libertadas pela combustão do corpo, assim como alternativas não-poluentes (urnas de sal-gema para as cinzas que vão para o mar, de argila para a terra ou urnas com terra e sementes para quem quiser "reencarnar" numa árvore).

Paulo Carreiras, presidente da Associação Portuguesa de Profissionais do Sector Funerário (APPF), referiu em conferência realizada em Lisboa 2018, "Temos centenas de cemitérios em Portugal. Utilizam-se urnas nas quais se deita todo o tipo de material que vai contaminar os lençóis freáticos", explica. "Os cemitérios do Alto de São João e de Benfica, em Lisboa, são enormes polos contaminantes."

Carlos Almeida, da Associação Nacional de Empresas Lutuosas (ANEL) refere que à agosto 2018, existem cerca de 26 crematórios em todo o país: 23 em Portugal Continental e três nas ilhas.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”



Figura 2 - Crematório "Uitzicht" em Kortrijk



Figura 3 - Planta Crematório "Uitzicht" em Kortrijk

A necessidade cultural de perpetuação da memória, o sentido de propriedade e o sistema de inumação abaixo do solo aumentam gradualmente o espaço físico disponível dos cemitérios, provocando ampliações como soluções recorrentes que contraria o sentido de sustentabilidade.

Outras soluções práticas e eficientes de decomposição dos corpos emergem a para além da cremação.

A decomposição aeróbica, assenta num princípio de ventilação dos cadáveres sem libertação de odores, ao contrario de todos os outros sistemas conhecidos, apresenta-se como solução ecológica onde a tecnologia envolvida no processo permite que o necrochorume, gerado pela decomposição do corpo, se evapore de imediato, evitando que este, seja absorvido no solo e polua as águas subterrâneas.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO

“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

São três os fatores que contribuem para esta solução ambientalmente sustentável, o calor da decomposição, naturalmente exotérmica, o ar, filtrado para evitar a entrada de insetos, poeiras e outros, e a pressão negativa no interior dos nichos estanques.

Esses gases e vapores são conduzidos para um dispositivo denominado inativador de Gases, onde o gás sulfídrico é transformado no inofensivo sulfeto de sódio, filtrados por um depurador de carvão ativado e lançados na atmosfera apenas gases respiráveis, inodoros e não contaminantes.

A total ausência de poluição, cheiro, ou qualquer outro inconveniente, permite construções em praticamente qualquer meio urbano.

A construção acima do solo por nichos alveolares em betão pré-fabricado, posteriormente estanques após o depósito da urna, apresenta-se como um sistema de decomposição muito eficaz, reduzindo de três para cinco anos o tempo mínimo de exumação.

Constrangimentos com a exiguidade espacial, a escolha do tipo de solo para a inumação e o encerramento do espaço ao meio urbano com a sua delimitação através de altos muros, são alguns dos pressupostos que podem ser subtraídos a reabilitação ou construção de novos espaços cemiteriais.

Possibilitando a continuidade de realização dos hábitos e necessidades culturais associadas às crenças, este conceito de inumação acima do solo permite criar corpos autónomos, libertando para francos espaços de circulação de encontro de partilha e de apaziguamento.

A intervenção de Arquitetos como Gonçalo Louro no Cemitério de Faro, como Arq. Carlos Fazenda nas suas intervenções, (Vila Franca de Xira, Valongo, Ilha do Pico nos Açores) são exemplo da utilização deste conceito nos seus trabalhos.

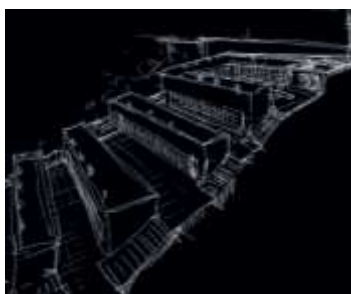


Figura 4 - Esquema projeto ampliação do cemitério de Vila Franca de Xira

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”



Figura 5 - Alçado ampliação do cemitério de Vila Franca de Xira



Figura 6 - Cemitério – S. Roque - Ilha do Pico



Figura 7 - Cemitério – Lousa - Loures

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO

“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

Salienta-se, também uma nova prática que ainda não chegou ao nosso país. Na procura de «soluções verdes», os norte-americanos estão a “dar os primeiros passos” numa alternativa à inumação e à cremação. Trata-se da hidrólise alcalina. Este processo permite acelerar a decomposição natural dos corpos até à sua integral transformação em cinzas.

A hidrólise alcalina não produz componentes tóxicos nem poluentes, e emite vinte vezes menos dióxido de carbono do que as cremações normais.

Solução tida como ambientalmente sustentável, e que pode ser alcançada através de um aparelho específico, que utiliza: pressão de água, temperaturas elevadas e um meio alcalino para acelerar a hidrólise dos tecidos humanos. É um processo que dura três ou quatro horas. Os especialistas afirmam que pode facilmente ser instalado em qualquer tanatório ou crematório. (Marques, F 2010, p 109-110).

III - Contexto Histórico dos Espaços Cemiteriais

III.1 - Momentos marcantes do culto da morte

Entendeu-se que o contexto histórico para a compreensão deste tema, deveria ser abordado de um modo generico, as mudanças marcantes de paradigma (o homem na sua relação com o culto da morte) e as consequentes transformações espaciais dos cemiterios, pontuando temporalmente entre a pré-historia e a contemporaneidade, confinado a civilização ocidental, *“os mortos estão presentes entre os vivos, em certos lugares e em certos momentos”*(Ariès 1975b,13).

Testemunhos físicos que chegaram até aos dias de hoje, permitiram estudar e entender que a Finitude do Homem, o Espaço de enterramento e a Arquitetura, nunca estiveram desassociadas *“...constata-se que os mortos foram os primeiros a ter uma morada, um espaço, onde o grupo os enterrava e para onde, provavelmente, os vivos retornavam a intervalos regulares* (Munford, 1998).

Entre o período paleolítico e o neolítico por volta de 5.000 anos a.C. com transição da vida nómada, a proteção dos espíritos dos mortos *“crença da vida para além da morte conjuntos megalíticos, Antas, Dolmens, Menires”* (Duarte et.,1999). são testemunhos físicos associados aos atos fúnebres, manifestações arquitetónicas do Homem do cerimonial da morte.

“.... seriam o início da formação das cidades, dos aglomerados humanos que viriam a nascer”. (Duarte et.,1999) um dos exemplos relevantes associado ao ato fúnebre é o Stonehenge localizada na atual Inglaterra.



Figura 8 - Stonehenge

Fonte: <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-na-antiguidade/pre-historia/stonehenge/#jp-carousel-825>

Arquitetura grandiosa e monumental foi o legado das necrópoles do Antigo Egito, resultado da crença na imortalidade da alma e na reencarnação “... *a morte passou a ser vista como uma etapa de transição entre a vida mortal na terra (ou primeira vida) e a definitiva imortalidade (ou segunda vida) no além*” (Simões Ferreira, 2009, p.38).

Assegurar a imortalidade era privilegio dos reis, sacerdotes e seus servidores, atitude que se foi alterando com as dinastias subsequentes” *que passa a estar ao alcance das classes populares*” (Simões Ferreira, 2009, p.41). construção de necrópoles cuja “*expressão arquitetônica foi bem mais democrática*” (Simões Ferreira, 2009, p.41).



Figura 9 - Pirâmides de Gize

Fonte: <https://www.epochtimes.com.br/piramides-de-gize-uma-das-sete-maravilhas-mundo-antigo/>

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

Na Grécia antiga, a morte não era encarada como um drama a imortalidade pertencia aos Deuses, os homens estavam destinados a um eterno sono no fim da vida terrena, “na mitologia o deus Thanatos, divindade da Morte, irmão de Hipnos (divindade do Sono) Com base nesta crença surgiu a palavra koimétérion, que está na origem do termo cemitério” (Vieira, 2010).

A importância dos rituais era tão marcante que “*não poderia preocupar-se muito com a construção de grandes monumentos funerários*” (Simões Ferreira, 2009, p.45)

“Em Roma, no período republicano, a inceneração predominava, realizando-se numa pira privada ou no ustrinium, o recinto coletivo de cremação; apenas os pobres e escravos não eram cremados, sendo atirados para cisternas – os puticuli, uma antecipaçaõ da vala comum” (Oliveira, P. 2007, p.41).

O povo judeu adverso a prática da cremação e a intolerância do cristianismo a época, ao longo do sub-solo dos campos de Roma contruiu labirintos subterrâneos “catacumbas” para a realização de inumações e celebração de rituais fúnebres. São Calixto, São Sebastião e Santa Domitila são alguns desses exemplos “Catacumbas”.



Figura 10 - Catacumbas

Fonte: <http://casalnomade.com/roma-os-6-lugares-para-conhecer/>

Com o Imperador Constantino no poder e a sua conversão ao cristianismo, o interior das cidades e próximo das habitações nos terrenos da família passam a ser locais frequentes de enterramento como garante de proteção dos espíritos dos seus antepassados, tal proximidade entre vivos e mortos, despoltou preocupações sanitárias e à consequente

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO

“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

proibição regida pela Lei das XII Tábuas (450 a. C.) da inumação nas áreas habitadas (Simões Ferreira, 2009, p.49).

Pasam as vias de acesso às cidades, locais de grande visibilidade pública como a Via Appia Antica em Roma, a ser ladeadas por urnas, sarcófagos, obeliscos e colunas (memoriais públicos) com a pretensão de demonstração de poder e riqueza da família e do defunto.



Figura 11 - Via espia

Fonte: <http://casalnomade.com/roma-os-6-lugares-para-conhecer/>

A pirâmide tumular de Caius Cestius membro religioso romano construída no séc. I a. C.... resistiu a evolução dos estilos arquitetónicos, tornando-se, *“imagem de grande força e significado, seduzia as vanguardas da renovação cultural iluminista da época que procuravam na clareza e no purismo das formas platónicas uma expressão que ultrapassasse a decadência do barroco e reafirmasse a superioridade do classicismo”* (Oliveira, 2007, p. 31).



Figura 12 - Pirâmide Caius Cestius

Fonte: Pirâmide Caius Cestius - Art & artists Joseph Mallord William Turner The Pyramid of Caius Cestius, Rome

O Cristianismo marca uma forte presença no início da Idade Média. De acordo com Oliveira (2007, p.31) *“Os cristãos, de perseguidos, passaram a perseguidores: os praticantes da inumação clandestina impuseram o seu ritual de passagem, que se transformara na norma funerária dominante da cultura ocidental e que assim irá perdurar durante quase dois mil anos.”* Para os cristãos crentes na ressurreição, a inumação é o garante a preservação do corpo para a futura ressurreição.

Tornou-se o culto aos santos e mártires cristãos entre os séculos VIII e IX *“O motivo principal do enterro ad sanctos foi assegurar a proteção do mártir, não apenas ao corpo mortal do defunto, mas também a todo o seu ser para o dia do despertar e do juízo.”* (Ariès, 1988, p. 45).

A afirmação da crença levou a que de acordo com Oliveira (2007, p.31) *“os seus seguidores constroem os templos sobre os restos mortais de um santo”*, e as sepulturas começam a ocupar o interior dos templos o mais próximo do altar– enterramento apud ecclesiam. *“Toda a superfície da igreja é um cemitério compartimentado. Os fiéis caminham sempre sobre os túmulos.”* (Ariès,1988, p. 63).

Entre o final do século XVII e princípios de século XVIII, não existe o medo de morrer, mas sim o de morrer só. Não se ocultava a proximidade da finitude, o acontecimento era publico e precedido de rituais de despedida, a perda era vivenciada e partilhada pelos familiares e comunidade. *“Se a morte era vista como algo natural e familiar, podemos pensar que era mais fácil enfrentá-la”*

A clarificação na mente humana entre o sagrado e o profano é marcante e a perda de influencia da Igreja proporciona a necessidade de reinventar os espaços de enterramento abdicando das igrejas e dos templos para tais fins. Com a crescente adesão ao Cristianismo as inumações voltaram a ser praticadas nos cemitérios do espaço urbano das cidades e “Em finais do século XVIII quando se tornou necessário reinventar o cemitério” (Oliveira, 2007. p. 37), o Camposanto de Pisa, “*recinto foi iniciado como igreja, só mais tarde transformada em cemitério* (Oliveira, 2007, p. 41 a sua relação contida com a envolvente por apenas dois vãos de porta, limitava outras funções sociais que não fosse o uso que lhe foi dado “as inumações” facto que o tornou numa influência para a construção dos primeiros cemitérios modernos.



Figura 13 - Particolare dell' Interno - Camposanto Monumentale di Pisa

O Movimento Iluminista provoca mudança nas atitudes e crenças que se refletem no panorama cemiterial, França está na linha da frente na preocupação com a saúde pública e a salubridade das cidades colocando em causa a proximidade de cemitérios a cidade dos vivos é colocada em causa com argumentos higienistas “*Em 1801, já com Napoleão no poder, foi apresentada nova legislação; o Decreto de 23 de Prairial do ano XII, datado de 12 de Junho de 1804, que confirmava de novo a interdição de enterrar nas igrejas e cidades, e assegurava o carácter democrático da sepultura, com o fim das valas comuns. Os cemitérios eram agora definidos como espaços ajardinados, pontuados excepcionalmente por monumentos funerários.* (Vieira,2010, p. 12) implantados para além dos limites das cidades, seguindo as orientações higienistas, afastados das linhas de água e orientados em oposição aos ventos predominantes a urbe.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO

“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

O crescimento das cidades durante o séc. XIX, tornaram os espaços de inumação cada vez menos periféricos “*O século fechou com a necrópole – independentemente dos modelos espaciais adoptados – higienizada, fixada e institucionalizada; implantada fora de muros, mas vendo já a cidade a avançar, inexoravelmente, sobre os seus limites.*” (Oliveira, 2007, p.127), acabando por ser integrados na malha urbana e condicionando a expansão dos seus limites físicos.

Paris é uma das cidades onde o espaço disponível para as inumações se aproxima da sobrelocação, realidade pela qual Haussmann (Georges Eugène Haussmann foi responsável pela reforma urbana de Paris, determinada por Napoleão III) expressou vontade da criação de um único espaço fora da malha urbana com capacidade superior para o encerramento dos três maiores cemitérios (Père-Lachaise, Montmartre e Montparnasse), as suas intenções foram contrariadas pela população que afirmou o culto às sepulturas aos cemitérios existentes.

No início do séc. XIX, os cemitérios públicos eram considerados como um lugar de ameaça, mas com a dessacralização em decadência “relação entre homem e o divino”, e a afirmação da cultura urbana depressa se aceitou e utilizou.

A discussão sobre o caráter dos cemitérios foi quase nula, até à chegada do século XX, os cemitérios assumem pouca relevância urbana, o Movimento Moderno considerou pouco significativo para os arquitetos o debate arquitetónico sobre o tema, no entanto no sentido de dar resposta à sobrelocação que se verificava nos espaços cimiteriais, foram realizados na segunda metade do século alguns exemplos de referência como o cemitério de Modena (Aldo Rossi, 1971-1984), a ampliação do cemitério de San Michele (David Chipperfield, 1998-2013) e cemitério de Finisterra (César Portela, 2000).



Figura 14 - Cemitério de Modena

Fonte: <https://www.modenatoday.it/attualita/progetto-completamento-cimitero-rossi-braghieri.html>

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”



Figura 15 - Cemitério de San Michele

Fontes: <https://visao.sapo.pt/atualidade/sociedade/2018-05-23-veneza-quase-nao-tem-lugar-para-os-vivos-mas-ha-espaco-para-os-mortos/>



Figura 16 - Cemitério de Finisterra

Fonte: <http://photos1.blogger.com/blogger/6434/2888/1600/F1000027.jpg>

Decorre o Séclo XXI, a dissimulação da morte tornou-se comum; a família finge que não sabe da gravidade do estado do doente, o doente finge que não sabe que vai morrer. a dor não é apenas pela perda do ente querido, mas por deixarmos de sermos amados quando este se vai, os familiares são apenas expetadores deixando tudo a cargo de profissionais.

Segundo Morais (2012, p.76) Numa sociedade que se faz cada dia mais plural, globalizada, tecnológica e capitalista, as conceções frente aos fenómenos biológicos da vida humana mudam quase na mesma velocidade dos desenvolvimentos, e uma dessas mudanças está relacionada com o processo da morte, a ponto de se dizer que não se morre mais como antigamente.

A tentativa de manter as pessoas que estão em final de vida ignorantes da gravidade do seu estado impõe uma alteração aos rituais familiares de despedida no momento da morte;

agora a pessoa morre sem saber ou sem poder dizer que sabe que está a morrer, afirma Ariès (1982).

Será que assistiremos a mudança de paradigma também no que respeita a memória dos defuntos, abandonando os memoriais fixos, como estátuas, Epitáfios gravuras, lápides, mausoléus, suportes fixos e estáveis em detrimentos de memoriais cibernéticos dinâmicos, e possivelmente mais efémeros?

III.2 - A Evolução dos cemitérios em Portugal

Os monumentos mais característicos e abundantes do megalítico encontrado em território nacional são a Anta ou Dólmen, constituídos por pedras de dimensões muito superiores a escala humana.,

“a análise dos elementos pétreos deste tipo de monumentos, será de referir que o dólmen é coberto por uma única laje, de grandes dimensões, para cuja colocação concorria não só o «engenho» e a «arte» dos construtores, como técnicas de construção apuradas, nas quais se deve incluir a própria mamoá, funcionando como rampa para a sua deslocação. O corredor é igualmente coberto por lajes, mais pequenas, e os pequenos dólmenes possuíam também uma tampa, amovível, sendo fechado” (Cruz, 2020, p.22).

Os monumentos megalíticos distribuem-se, desde o litoral até ao interior transmontano. Na região Norte destacam os significativos conjuntos de Castro Laboreiro (Melgaço), Gião (Arcos de Valdevez), Monte Mouzinho (Penafiel), da Sena dos Campelos (Lousada) e da Sena da Aboboreira (Baião/ Amarante / Marco de Canaveses) e o Dólmen da Barrosa.



Figura 17 - Dolmem da Barrosa – Vila Praia de Âncora

Fonte: Fotos do Autor

Na região sul “*O Abrigo do Lagar Velho será um dos sítios pré-históricos mais conhecidos em Portugal, por nele ter sido encontrado o único enterramento primário para este período na Península Ibérica.*” (Duarte et al., 1999).

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”



Figura 18 - Vistas de antas desenhadas a carvão

Fonte: executadas por Pereira da Costa antes da extinção da Comissão Geológica de Portugal em 1868.
(Arquivo J. L. Cardoso).

Como refere Vieira (2010, p.22) com o cristianismo, adoptaram-se as mesmas práticas de sepultura ad sanctos apud ecclesiam que se encontravam nos países mediterrâneos, que perduraram até muito recentemente. Tal como noutros países, a inumação no interior das igrejas foi desaconselhada pelas altas patentes do clero,(Concílio de Braga de 563, no qual se proibiu o enterramento no interior das igrejas e povoações),recomendação essa que foi continuamente ignorada .

Precorrendo o território nacional podemos constatar a existencia de testemunhos de enterramentos que se realizaram no interior de capelas particulares que eram parte integrante de Solares para fins habitacionais da nobreza entre os séculos XVI e XVIII, como exemplo da Casa dos Viscondes da Varzea.



Figura 19 - sepulturas no interior da capela Casa dos Viscondes da Várzea

Fonte: Fotos do Autor

A semelhança do resto da Europa as práticas cemiteriais em Portugal eram em regra geral, semelhantes. A partir do século XVIII, a reflexão higienista sobre os locais e condições de inumação foram quase nulas, sendo só no século XIX que surgiram as especificidades que caracterizam a arquitectura funerária nacional.

No ano de 1752, todo o cerimonial fúnebre barroco, bem como a vontade de afirmação social através do esplendor das sepulturas foi colocado em questão após o aparecimento de um documento da autoria de Matias Aires sobre “Reflexões sobre a vaidade dos homens; ou discursos morais sobre o efeito da vaidade” que abordava a arquitectura funerária, mas sob a forma de crítica moralista aos costumes da época.

A 15 de Março de 1775, Marquês de Pombal ordenou a construção de um cemitério público em Vila Real de Santo António afastado da povoação, proibindo qualquer inumação no interior das igrejas. O acontecimento isolado e até hoje inexplicado, surgir sem qualquer precedente epidémico ou preconceituoso e veio a constituir um franco avanço na questão cemiterial portuguesa e até europeia, pelo que é legítimo considerar à época o primeiro cemitério moderno europeu. *“O fenómeno é ainda mais curioso se atendermos ao facto de essa necrópole ser não apenas o primeiro «cemitério moderno português» (...) como, provavelmente, o primeiro «cemitério moderno» europeu – considerando “moderno” um cemitério autónomo, construído fora do aglomerado urbano, em local escolhido em função de critérios higienistas e não dependente de prévia sacralização, dedicado à totalidade da população do conjunto habitacional que servia e, ainda, de uso obrigatório.”* (Oliveira, 2007, p. 200-203).

Este fato não motivou qualquer alteração na política urbanística no contexto funerário português, até 21 de Setembro de 1835, data do Decreto que torna obrigatória a existência de cemitérios públicos em todos os concelhos, proibindo a inumação dentro dos templos e junto às áreas urbanas.

O domínio da Igreja sobre a questão cemiterial viu-se diminuído (os novos cemitérios a construir seriam da competência das autarquias) mas não completamente anulado (uma vez que os recintos deveriam ser abençoados). (Vieira, 2010, p. 18).

Fazendo uso das palavras de Ferreira (2001, p.548)

A discussão acerca das questões cemiteriais que teve lugar em Portugal durante o século XIX não trouxe muitas alterações à realidade que se sentiu,

nomeadamente até aos meados do século XX. A legislação de 1835 não foi totalmente posta em prática: nas primeiras décadas do século passado existiam ainda povoações sem cemitério, e o enterro em vala comum ainda se praticava em 1941;

O fim do sepultamento no interior das Igrejas, a importância que a religião católica detinha no âmbito da morte, incutidos pela crença da esperança na ressurreição final dos corpos impediam de todos os modos a reforma dos cemitérios.

A teoria da arquitetura cemiterial continuou a ser, durante todo o século XX, um tema inexistente nas preocupações dos arquitetos nacionais. Os escritos que surgiram sobre a Morte abordaram apenas a história, a sociologia ou a antropologia; nada de específico se escreveu sobre a arquitetura dos espaços da morte, (Vieira, 2010, p.41).

A Lei de 29 de abril de 1911 promulgada pela República para a separação do Estado das Igrejas, que reconhecia o cemitério como local de culto, onde era possível realizar cerimónias de qualquer culto (abolição de muros de separação entre católicos e ateus/praticantes de outras religiões) e a introdução do culto coletivo dos mortos na Primeira Guerra Mundial (construção de monumentos de homenagem e espaços, no interior das necrópoles), foram factos inovações no campo da arquitetura funerária no século XX.

No entanto, com uma parte considerável dos cemitérios oitocentistas a atingir o seu limite espacial, as autarquias optaram pela ampliação dos recintos existentes sem critérios urbanísticos, criando prolongamentos das estruturas antigas para os espaços contíguo aos disponíveis.

Nas palavras de Cabeço (2009, p.24), surgem a partir dos anos setenta do século XX os chamados cemitérios de segunda geração, procurando uma maior adequação às manifestações de luto do homem contemporâneo.

A mudança de paradigma na aceitação dos processos de inumação (cremação, inumação acima do solo) assim como a necessidade de rotatividade de ocupação do solo contribuíram para a emergência de novos métodos de inumação acima do solo (nichos sobrepostos) assim como a criação de novas valências (Tanatórios, que comportam, capelas funerárias e crematórios).

Em Portugal não se assistiu, como noutros países europeus, à criação de importantes concursos nacionais/internacionais para os projetos dos novos equipamentos. Devido ao reduzido orçamento disponível ou talvez à falta de vontade política de investir nos espaços da morte, a opção recaiu, muitas das vezes, em projetos pouco ambiciosos, situados em envolventes desqualificadas, (Vieira, 2010, p. 42).

Fazendo uso das palavras de Fazenda (2011, p.4)

“...salvo raríssimas exceções, os espaços cemiteriais não se enquadram numa classificação de espaços onde se exija qualidade....nos últimos tempos tem sido feito algum esforço nesta área, não só na intenção de alguns projetos lei e alguma legislação produzida, mas sobretudo na compreensão de alguns gestores municipais portugueses de querer ver alterado o ambiente dos cemitérios...modernizar, atualizar, alterando os existentes ou realizando novos equipamentos de qualidade onde a componente ambiental e arquitetónica dê resposta às novas necessidade”.

Como exemplo enunciamos alguns recintos cemiteriais que foram construídos de raiz em Portugal, desde os anos 70 até à data: cemitérios de Algeruz em Setúbal, nº3 de S. João da Madeira, Carnide em Lisboa, cemitérios das Aldeias da Luz e da Estrela, Monchique em Guimarães, e Giesteira na Póvoa do Varzim, Machico na Madeira entre outros.

IV - Os Espaços Cemiteriais

Serão seguidamente apresentadas algumas intervenções no espaço dos principais cemitérios e equipamentos na Europa e Portugal, procurando descrever as características mais relevantes e os seus traços diferenciadores.

IV.1 - Na Europa



Figura 20 - Cemitério di Armea - Sanremo - Italia

Fonte : cedidas pelos autores do projeto

O Cemitério de Armea Valley é o segundo cemitério em Sanremo, construído em 1930, com ampliações no pós-guerra e por volta de 1980, condicionada a sua capacidade, foi realizada uma nova ampliação do anos 2000 da autoria dos, Arq.º Aldo Amoretti y Marco Calvi .

Segundo os autores pretenderam abordar um novo discurso criando um espaço que de alguma forma se tornasse autónomo, não idealizado exclusivamente como uma cidade para sua função primária de inumações, mas como um lugar vivo para os que pretendem manter as recordações dos seus entes queridos, que fosse convidativo a uma visita, a um passeio, a uma exploração do espaço. Nesse sentido aproximasse aos cemitérios dos países nórdicos (lugares abertos ao público, de encontros de meditação).

Moldando-se às curvas de nível do terreno surgem uma sequencia de jazigos ordenados de linhas puras com mármore branco separadas com muretes de pedra calcária, materiais que refletem a austeridade e simplicidade do projeto, ao mesmo tempo que congrega a intimidade, intensidade e espiritualidade ao território com a sua morfologia.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

Observando o seu desenho de uma vista aérea, as sepulturas parecem distribuir-se em torno do volume do ossário único elemento que destaca do espaço ampliado.

Ossário comum, a última casa, o lugar onde a alma retorna à comunidade.



Figura 21 - Ossario Cemitério di Armea - Sanremo – Italia

Fonte : cedidas pelos autores do projeto



Figura 22 - Jazigos Cemitério di Armea - Sanremo – Italia -

Fonte : cedidas pelos autores do projeto



Figura 23 - Tanatário Municipal de León

O Tanatário Municipal de León da autoria dupla de arquitetos BAAS (Jordi Badia e Josep Val) é um edifício que marca a diferença da maioria dos equipamentos tanatológicos espanhóis atendendo ao local onde se implanta.

Normalmente os tanatórios aparecem associados a cemitérios ou em subúrbios desqualificados, mas neste caso o local de implantação escolhido foi uma zona central da cidade, de carácter habitacional, onde se encontram também outras obras icónicas de arquitetura como (MUSAC (Museu de Arte Contemporâneo de Castilla y León) e o (Auditório Municipal de León), ambos da autoria de Mansilla & Tuñon. (Vieira, 2010, p.69).

Esta opção colocou duas dificuldades: por um lado, diminuir o impacto do edifício na envolvente habitacional, não só em termos volumétricos, mas acima de tudo de representatividade (o edifício não deveria impor a sua presença enquanto construção para a morte, ferindo as suscetibilidades dos residentes); por outro lado, evitar que a perturbação da cidade invadisse a quietude que o ambiente interior do equipamento deveria possuir. A solução encontrada foi enterrar o volume construído, colocando a sua cobertura ao mesmo nível do terreno envolvente, como uma “tumba de tumbas”, e seguindo ao mesmo tempo o princípio oitocentista de enterramento dos edifícios destinados ao culto dos mortos. (Vieira, 2010, p.69).

A cobertura é, assim, a única face visível do edifício, razão pela qual foi tratada de um modo muito simbólico, com um espelho de água no qual se reflete o céu.

Da zona Norte do espelho de água salientam-se cinco volumes, em forma de chaminé ou de dedos, que captam a luz natural para o interior do edifício

A entrada principal para o edifício é feita através de uma rampa, num percurso ritual descendente; o acesso corta ao meio a plataforma verde que antecede o edifício e vence a diferença de cotas lentamente, como nos monumentos funerários de Boullée, deixando para trás os ruídos e agitação citadinos, até atingir o interior da terra e do edifício.

No interior do volume o ambiente é escuro e sóbrio, em dissemelhança da maioria dos equipamentos tanatológicos, que usam cores claras, transparências e luz intensa para criar ambientes de especto asséptico. Neste edifício utilizam-se madeiras escuras no pavimento e paredes, mobílias e tapeçarias pretas, de modo a conseguir uma intensa sensação de seriedade e recolhimento. Apesar de se tratar de um edifício enterrado, a iluminação natural é introduzida através de alguns artifícios em determinados pontos para dramatizar a ambiência pretendida. O tanatório desenvolve-se em planta segundo três faixas com caracteres distintos: a faixa Este alberga as zonas públicas e a sala ecuménica; na faixa do meio situam-se as salas de velório; na faixa Oeste encontram-se as zonas técnicas do equipamento. (Vieira, 2010, p.70).

A zona Este é constituída por um amplo espaço, dividido em sectores mais pequenos por pilares em V (que acentuam a sensação de enterramento); criaram-se assim pequenas áreas de estar, associadas às salas de velório que estão na sua frente. O espaço ajardinado que antecede o edifício desce aqui em rampa acentuada, possibilitando a criação de uma parede de vidro através da qual se infiltra alguma luz exterior de Nascente. Na extremidade Sul encontra-se a sala ecuménica, com acesso independente em escadaria para o exterior. A luz natural chega a este espaço austero através dos dedos que perfuram a cobertura, com diferentes posições e orientações; graças a elas, a atmosfera da sala muda consoante a passagem do tempo e as nuances da luz exterior. Uma das chaminés encontra-se no teto, directamente sobre a zona do altar; as restantes perfuram a parede Este da sala.

As salas de velório da zona central dispõem-se sequencialmente, com zonas privadas de sanitários e de exposição do caixão. A iluminação natural é feita aqui através de pátios de luz, que perfuram o espelho de água da cobertura. O pavimento destes pátios é constituído também por pequenos espelhos de água, que refletem a luz e contribuem para acentuar a sensação de tristeza destes espaços. Na zona Sul desta faixa central encontram-se as salas de contratação, de reunião e os gabinetes.

A zona Oeste, de carácter técnico, alberga as salas de exposição de caixões e acessórios, as áreas de tanatopraxia, os vestiários para funcionários e o corredor de serviço que dá acesso privado às salas de velório, através do qual os caixões são transportados antes e após as cerimónias.

Existe um piso inferior, de carácter técnico, com acesso automóvel independente através de rampa no extremo Norte. Aí encontram-se as salas de máquinas, os armazéns e a área de estacionamento privado.

O Tanatório de León demonstra que é possível, atualmente, inserir equipamentos tanatológicos em zonas urbanizadas, sem deste modo prejudicar quer o espaço envolvente, quer o seu ambiente interior. A solução para a implantação deste tipo de equipamentos não passa obrigatoriamente por espaços periféricos ou associados a cemitérios; os tanatórios podem fazer parte do espaço urbano central, sem sofrer o afastamento habitual dos equipamentos funerários, e contribuir ativamente para a consolidação do espaço urbano. (Vieira, 2010, p.71).

Também contrariando a tendência geral, o Tanatório de León aponta numa nova direção ao criar ambientes interiores de penumbra e sombra. A maioria das construções funerárias atuais procura negar a sua função (equipamentos ligados à morte), criando espaços muito iluminados, brancos, que poderiam ser confundidos com museus ou outros equipamentos culturais. Em León, pelo contrário, procura-se a escuridão, criando ambientes íntimos e propícios ao recolhimento que a proximidade da morte requer. (Vieira, 2010, p.72).

IV.2 - Em Portugal

Será apresentado algumas intervenções em território nacional cuja função primária é comum, mas apresentam soluções contemporâneas aliadas ao paradigma atual da finitude do homem e que nos permitem refletir que a Arquitetura pode contribuir para uma melhor integração formal destes espaços como também para proporcionar conforto e apaziguamento no ato de despedida e de luto.



Figura 24 - Cemitério de Monchique

O cemitério de Monchique, em Guimarães nasceu em 1999, teve com base no projeto de arquitetura de Maria Manuel Oliveira, Pedro Mendo e o projeto paisagista de Daniel Monteiro, encomendado pela Câmara Municipal de Guimarães e inaugurado pela mesma a 23 de outubro de 2004.

Com uma nova corrente cemiterial a nível nacional, procura ser um exemplo vanguardista dos novos locais de enterro, relacionando as formas tradicionais de inumação com as mais contemporâneas.

O cemitério foi planeado com a pretensão evidente de respeitar as características morfológicas do terreno original da Quinta de Monchique.

A adaptação de todo o programa exigente na topografia e ainda a integração paisagística na encosta do Monte da Penha, funde-se visualmente numa área verde, articulando um espaço com características fisiográficas adversas com um outro de características únicas, inserível numa lógica de ligação de um parque urbano ao espaço florestal das encostas da Penha. Para além de preencher os requisitos programáticos inerentes a um cemitério tradicional, o projeto não deixa ao acaso as novas formas de encarar o espaço fúnebre, que tem vindo a ganhar relevo na sociedade contemporânea

Este tipo de cemitério insere-se no modelo de cemitérios Paisagistas, onde pelas suas características evidentes foge das matrizes de composição axial, sem preocupação de alinhamentos diretos ou por monumentos que servem de “rotundas”. A entrada deixa de se relacionar directamente com a capela, os percursos são livres, descomprometidos e levam o utilizador a obter relações espaço-visuais diferentes. Enquanto percorre o

território o utilizador é quase obrigado a ter funções de “explorador”. É nos Estados Unidos da América que encontramos maior número de exemplos, como o cemitério de Mount-Auburn.

A organização funcional do cemitério divide-se em duas partes distintas como a do anterior cemitério abordado: uma primeira referente às tipologias tumulares e uma segunda relativa aos edifícios de apoio/equipamentos. Quanto às inumações, podem ser de carácter temporário ou perpétuas. Para tal, o espaço cimiterial foi dividido em diversos locais com diferentes características: as frações de inumação em terra, podendo ser perpétuas ou temporárias; os jazigos, estes apresentam-se apenas na tipologia subterrânea e de carácter perpétuo; ossários e gavetões; talhões ou zonas destinadas a coletividades ou instituições; bem como situações especiais para inumação de personalidades.

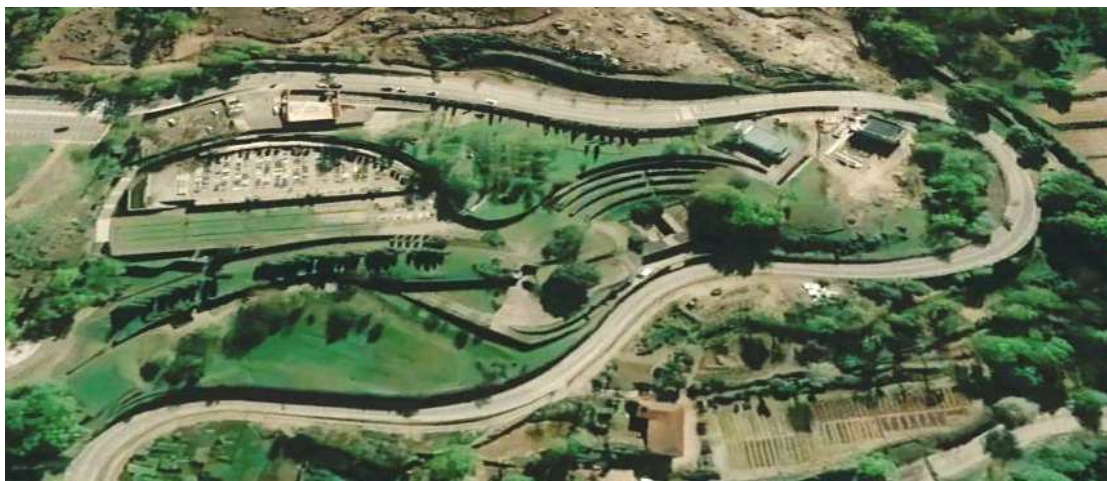


Figura 25 - Vista aérea cemitério Monchique - Guimarães

Quanto aos edifícios de apoio/equipamentos, o cemitério está munido de uma capela mortuária; zona administrativa e respetivos gabinetes; instalações sanitárias; instalações de apoio técnico; sala de refeições de funcionários; vestiários; oficina de reparações mecânicas, armazém para materiais e ainda uma zona descoberta para pequenas reparações. A Câmara Municipal de Guimarães pretende instalar ainda um forno crematório, pois também nesta região é crescente a procura deste tipo de ato fúnebre.

Ainda de referir por fim que a população Vimaranesa ainda tem preferência pelo antigo cemitério da Atouguia, situado no centro da cidade, a poucos metros do Hospital Senhora da Oliveira, continua a ser o "cemitério de referência", apesar de há muito se encontrar lotado. (Espanhol,2013, p.33 a 35).



Figura 26 - Cemitério nº 3 de S. João da Madeira

O Cemitério foi projetado pelo Arquiteto Moreira da Costa sendo o seu primeiro Anteprojeto de 1975, no entanto foi inaugurado em 1982.

O cemitério construído então consistia num simples conjunto de talhões retangulares, implantados a diferentes cotas. As sepulturas eram todas iguais, usando-se o modelo de campa coberta com relva, sobre uma base de terra batida. O objetivo seria promover as sepulturas temporárias durante o tempo mínimo legal para decomposição dos corpos, não sendo permitida a aquisição de sepulturas perpétuas nem a construção de jazigos de família. O solo não se revelou, no entanto, favorável à decomposição dos corpos inumados (características argilosas e nível freático alto), e o espaço de enterramento rapidamente se encontrou sobrelotado. Já nos primeiros anos do século XXI a autarquia viu-se obrigada a procurar alternativas à inumação em terra, que passavam pela cremação ou pela inumação em blocos de sepulturas aeróbicas. Foi deste modo que a partir de 2004 se indicaram as obras de construção do crematório (associado a uma capela mortuária e a um jardim de deposição de cinzas), de implantação dos blocos de decomposição aeróbica, e de construção de um pórtico que deveria dignificar a entrada do recinto.

Este foi um caso de insucesso na criação de um novo cemitério, revelando por um lado, o descuido do tratamento dos aspetos técnicos fundamentais (adaptação do solo ao uso pretendido), e por outro, a inexistência de princípios arquitetónicos ordenadores do desenho do equipamento. A relação com a cidade é nula; o único aspeto considerado a nível urbano foi a implantação de uma cortina vegetal para tornar os talhões de inumação invisíveis a partir do exterior (Vieira, 2010, p.44).



Figura 27 - Cemitério de Faro

Fonte: <http://bpiexpressoimobiliario.pt/ceimiterios-modernos=f250>

Desenhados com um toque de contemporaneidade e a presença do verde, os novos espaços fúnebres destacam-se na paisagem pela sua serenidade e beleza. Gonçalo Louro, Cláudia Santos, José Cadilhe e Emanuel Fontoura são quatro arquitetos que contam como criaram e para onde tendem os cemitérios em Portugal.

Segundo os autores, para a elaboração e desenvolvimento do projeto o qual se estruturou em dois objetivos principais: o controlo de custos para alcançar uma proposta competitiva, sem condicionantes a nível arquitetónico e a uniformização das diferentes estratégias e sistemas de pré-fabricação, num desenho detalhado onde o pormenor de fixação (cobre) e alinhamento das pedras de revestimento (alpinina) dos nichos e jazigos adquirissem uma unidade na diversidade formal de cada corpo.

Esta imagem serena e pautada que se pretendeu criar como uma nova paisagem cemiterial, associada à libertação do espaço murado convencional, potencia as futuras ampliações do cemitério criando uma ampla área de enquadramento paisagístico em sintonia com a paisagem natural do Barrocal Algarvio.

Como refere Freitas (2008), Gonçalo Louro e Cláudia Santos foram convidados pela Somague para participar na elaboração e desenvolvimento do estudo e projeto do novo cemitério de Faro, colocado a concurso público pela autarquia. "Havia uma proposta base/estudo prévio fornecido pela Câmara que seria a base para a conceção das diferentes propostas e definia em termos gerais a disposição dos corpos de nichos e jazigos, assim como os princípios do desenho do 'espaço urbano'", contam. No que respeita ao traço arquitetónico, Gonçalo Louro explica que "a imagem serena e pautada que se pretendeu criar como uma nova paisagem cemiterial, associada à libertação do espaço murado convencional, potencia as futuras ampliações do cemitério, criando uma ampla área de

enquadramento paisagístico em sintonia com a paisagem natural do Barrocal Algarvio, pontuado por corpos de pedra que organizam e estruturam o espaço".

Com um toque contemporâneo e muito sóbrio, os arquitetos consideram que este cemitério se distingue dos seus congéneres mais antigos pela "sua construção paisagística entre a natureza e os corpos autónomos em pedra, associado a não ter os muros altos, opacos, convencionais, entregando deste modo o equipamento ao espaço urbano da cidade e com ela conviver". A primeira fase do novo cemitério de Faro, concebida por Gonçalo e Cláudia, está a funcionar desde 2005. Para os arquitetos, as autarquias começam a preocupar-se mais com estes recintos e a conceção destes constituiu "um desafio para os arquitetos, na medida em que ainda existe uma reação social para que estes espaços sejam inferiores e assim só visíveis por quem os usa".

O trabalho de José Cadilhe e Emanuel Fontoura na conceção de cemitérios foi premiado internacionalmente. Em 2006 venceram com o projeto 'Extensão do cemitério de Sendim de Matosinhos' o 'The Phoenix Awards', um concurso internacional que promove o desenvolvimento de novas ideias e a capacidade de definir espaços mais atrativos e de maior relevância social, privilegiando a componente de parque, retiro, deambulação e contacto com a natureza. "Encaramos o cemitério como um reflexo da nossa cultura e, consequentemente, da nossa sociedade. Deverá ser sinónimo de abertura, disponibilidade, democracia e é um espaço que não se esgota no simples somatório de mortos. Assume características de grande importância no fortalecimento das relações interpessoais e nos dinamismos sociais porque é um local de encontro e de partilha, de socialização, mas também de reflexão, deambulação e retiro" salienta José Cadilhe. A proposta para Sendim deu ênfase a uma imagem global da morte e a um potenciar da conexão do cemitério com a cidade.

Emanuel Fontoura explica que "o nosso principal objetivo foi transformar a noção de fronteira do cemitério com a cidade. Procurámos o desenho de um espaço que potenciase os rituais fúnebres e as práticas cerimoniais existentes e que fizesse do cemitério um espaço com maior relevância social, mais aberto e capaz de congregar diversas dinâmicas vivenciais". Apesar deste projeto não ter sido concretizado, os arquitetos estão a trabalhar em ideias para serem executadas. Do que captam da vivência diária, consideram que "existe uma maior consciência de que o cemitério não é nem pode ser um somatório de talhões".

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

Numa perspetiva mais académica, Maria Noronha partiu da ideia de que o cemitério é uma cidade dentro da cidade, funcionando como seu espelho onde se representa e reproduz numa escala diferente, para a conceção de uma instalação no âmbito de um mestrado na Central Saint Martins School of Art&Design. Na pesquisa para o seu trabalho, verificou que os cemitérios têm vindo a acompanhar a evolução dos tempos e apontam para a economia de espaço. "Os novos cemitérios respondem à procura de espaços que possam dar resposta às diferentes necessidades culturais, crenças e hábitos", o que altera toda a sua conceção. Quanto ao futuro, aponta como caminho a criação de cemitérios fora das cidades e quem sabe até virtuais.

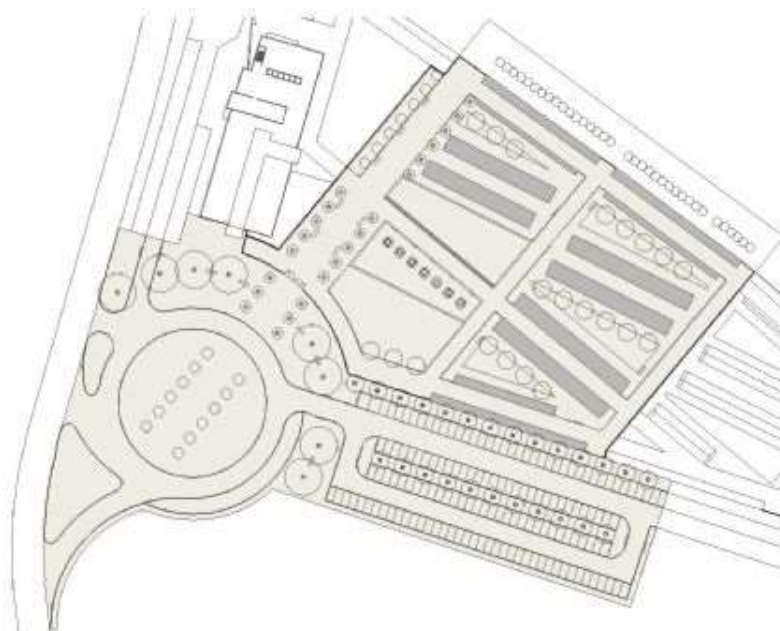


Figura 28 - Planta Cemitério de Faro



Figura 29 - Cemitério Boliqueime

Fonte:<http://www.nunoladeiro.com/#!A-arquitetura-espiritual-de-Lu%C3%ADs-Guerreiro/c9ix/552073380cf21933cd384007>

Paredes-meias com o antigo cemitério, surge agora um espaço com uma estética moderna, equipado com as novas tecnologias, e que pretende ser um contributo para dar uma maior dignidade ao sepultamento dos restos mortais da população de Boliqueime.

De acordo com Luís Guerreiro, autor do projeto de arquitetura, deve haver sempre na primeira atitude de um projetista, uma proximidade ao lugar e um entendimento do espírito desse lugar, do conjunto de características socioculturais, arquitetónicas, de linguagem, de hábitos, que caracterizam, o ambiente, e a cidade. Os cemitérios europeus são muitas vezes uma continuidade das cidades, tanto pela sua estrutura de organização como pelas barreiras que criam. Em Boliqueime, Luís Guerreiro, pensou desde o primeiro momento, num cemitério aberto à paisagem. Tanto pela topografia do terreno, como pela necessidade de quebrar as barreiras que tantas vezes delimitam estes espaços de culto.

Um cemitério desempenha um papel fundamental e para o autor deve ser sempre universal. Por vezes existe algum conservadorismo que condiciona a atitude do arquiteto. O poder político acaba por ser sempre a maior barreira, porque as pessoas, os utilizadores que visitam os seus entes queridos adaptam-se e aqui em particular, já elogiam a forma como o projeto foi conduzido mesmo antes de estar inaugurado.

Com a implantação num terreno com cerca de 3985m², a plataforma de ligação ao antigo cemitério é composta por zona de ossários, zona de enterramentos estruturados por quatro talhões, zona de jazigos e capela, limitados a Sul por um espelho de água efémero.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO

“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

Fazem parte do conjunto de valências uma capela composta por paredes de vidro equipamento da zona de apoio ao cemitério como incinerador pirolítico, estufas para desumidificação de ossadas e todos os outros elementos necessários e compatíveis com as necessidades da intervenção

No sentido de estabelecer uma continuidade tectónica com o tecido urbano de Boliqueime os espaços de circulação exteriores são em pedra de calçada miúda.

Não menos importante no capítulo paisagístico e de integração no território o espaço foi pontuado por amendoeiras, de forma a reconstituir a paisagem que pertence à memória coletiva algarvia.



Figura 30 - Cemitério de Boliqueime

Fonte:<http://www.nunoladeiro.com/#!A-arquitetura-espiritual-de-Lu%C3%ADs-Guerreiro/c9ix/552073380cf21933cd384007>

A visita ao Cemitério de Boliqueime de um ponto de vista meramente formal é como revisitar algumas obras famosas de Mies Van Der Rohe, como a Farnsworth House ou mesmo o pavilhão de Barcelona com os seus pilares cruciformes. A máxima Less is More (Menos é Mais), preceito do minimalismo e God is in the Details (Deus está nos detalhes) marcou este pioneiro da arquitetura moderna com os seus aforismos e expressou-se nos materiais, como o aço e vidro que agregaram concepções de elegância e cosmopolitismo.

O cemitério de Boliqueime é também cosmopolita e demonstra que uma cidade, um lugar, podem ser universais por diferentes razões.



Figura 31 - Tanatário de Sendim, em Matosinhos

O Tanatário de Sendim, em Matosinhos, equipamento tanatológico incluído na ampliação do cemitério, da autoria da Arq.^a Luísa Valente, surgiu por iniciativa da camara municipal e foi inaugurado em 17 de Julho de 2009.

Como refere Vieira (2010, p 75), o cemitério, e por consequência o novo Tanatário, situam-se numa zona periférica da cidade de Matosinhos, de mancha urbana não consolidada. Os muros de delimitação do cemitério envolvem o recinto por completo, excluindo o espaço do Tanatário; a ligação entre os dois equipamentos é feita através de aberturas, pontuais, sob a forma de portões. Tanto o edifício do Tanatário como os espaços verdes a ele associados são acessíveis em qualquer horário e sem restrições, ao contrário do cemitério.

O edifício distribui-se por três blocos ligados entre si por uma galeria/ nave principal, designados nomeadamente por Bloco A onde se localizam os Serviços Administrativos e Serviços de Apoio: Cafetaria e respetiva zona de serviços e Florista; no Bloco B, Antecâmaras e Capelas de Velório (3 capelas) Capela dos Sentidos, Capela da Memória e Capela do Infinito) apoiadas por uma Sala de Tanatopraxia e Sala de Repouso / Sala de Apoio Psicológico; no Bloco C – Sala de Estar/ Espera, Sala de Entrega de Cinzas (Sala do Renascer) e Sala de Despedida com capacidade para 120 pessoas e uma galeria no piso superior que se destina às várias fases do processo de cremação enriquecendo a capacidade de uso da mesma, um espaço que se pretende polivalente.

A sala da despedida tem uma relação importante com o mar, linha do horizonte e céu através de um vão de vidro que permite a sua leitura. A urna desloca-se através desse mesmo eixo, desaparecendo nessa “linha do horizonte” e desce posteriormente ao piso técnico numa plataforma hidráulica, solução estudada de forma a não ser visualizada pelas pessoas.

No piso inferior localiza-se a parte técnica de apoio à cremação – Forno Crematório, máquina de introdução de urnas, Pulverizador e cabine de tratamento das cinzas. Localiza-se ainda uma sala de Refrigeração, sala de etiquetagem/ pantógrafo – fornecimento da taxa de identificação da urna e vestiários /instalações sanitárias de apoio aos funcionários.

O espaço exterior, anexo ao tanatório, consiste num parque de estacionamento, (situado a Norte do complexo), no Jardim da Memória e nas restantes áreas verdes (espaços relvados situados a Sul, Norte e entre os braços do edifício). Pretende-se que estes espaços façam o enquadramento paisagístico e urbanístico do Tanatório, contextualizando-o na sua envolvente. (Vieira,2010, p.76).

Enquanto primeiro Tanatório assim assumido em Portugal, este equipamento colocou a questão de que tipo de ambiente se deve proporcionar num espaço destinado à despedida e ao culto dos mortos. A opção aqui passou por transmitir abertura, luminosidade e modernidade, solução já utilizada em alguns Complexos Funerários portugueses e em tanatórios espanhóis. Segue-se o princípio de que os equipamentos funerários devem afastar os sentimentos de tristeza usando a luz, e, neste caso específico, a paisagem envolvente (a linha do horizonte no mar, os espaços ajardinados do recinto) Esta opção, no entanto, camufla a verdadeira função do equipamento; ao fugir do extremo do lúgubre e do macabro através da abertura visual e da luminosidade dos espaços, o Tanatório de Sendim cai no outro extremo, da negação da função a que é dedicado, num reflexo da negação da morte na arquitetura. (Vieira,2010, p.77).

V - Estudo de caso - Os Cemitérios de Espinho

V.1 - Contextualização

O objeto de estudo de caso recai sobre os cinco cemitérios implantados nas cinco freguesias do território administrativo do Concelho de Espinho (Anta, Guetim, Silvalde, Paramos e Espinho).

Procedeu-se à recolha e registo das principais características físicas, à análise das carências e valências dos cemitérios localizados neste concelho, no sentido de contribuir para o desenvolvimento de estratégias que possam ir ao encontro das atuais realidades e necessidades destes espaços que integram a estrutura urbana do território nacional.

Segundo Ferreira (2004; pp. 548) a discussão acerca das questões cemiteriais que teve lugar em Portugal, durante o século XIX, não trouxe muitas alterações à realidade existente nos cemitérios até aos meados do século XX.

Refere o Arq.º Carlos Fazenda que a cultura cemiterial em Portugal, enraizada é fruto de uma contínua utilização tradicional onde ainda não existe alternativa espacial (o leirão, a sepultura e a campa), sobretudo pela pequena dimensão dos cemitérios e a grande lotação dos mesmos, que obrigam a estrangulamentos e à grande aglomeração de sepulturas.

A reduzida manutenção destes espaços sem exigência de qualidade e intenções de requalificação formal, funcional, paisagístico e/ou urbano conduzem para uma degradação progressiva e acentuado o afastamento psicológico dos utentes em relação aos cemitérios.

No entanto, ainda segundo o Arq.º Carlos Fazenda nos últimos tempos tem sido feito algum esforço nesta área, não só na intenção de alguns projetos lei e de alguma legislação produzida, mas sobretudo na compreensão e atitude de alguns dos gestores municipais portugueses que querem ver melhorado o ambiente dos cemitérios.

Neste capítulo serão estudados os cinco cemitérios das respetivas freguesias existentes e anteriores a nova estrutura orgânica da administração local resultante da Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro, a qual recorde-se estabeleceu a união das freguesias de Anta e

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

Guetim, sendo que atualmente já se encontra em discussão o processo de desagregação das mesmas.

Dos cinco cemitérios existentes no território do concelho apenas o da freguesia de Espinho se encontra situado afastado da periferia da Igreja Matriz, caso que será desenvolvido no subcapítulo correspondente as origens do mesmo.

De referir que os dados recolhidos para o registo do ano de construção onde se localizam os atuais cemitérios, surgem após a publicação da Lei da criação de cemitérios públicos no ano de 1835.

Apresenta-se seguidamente o quadro cronológico identificativo da origem da construção dos cinco cemitérios.

IDENTIFICAÇÃO DOS CEMITÉRIOS		
FREGUESIA	ANO CONSTRUÇÃO	AREA APROXIMADA
1 - ANTA	1863	11.200 m ²
2 - GUETIM	1881	3.370 m ²
3 - SILVALDE	1881	8.300 m ²
4 - ESPINHO	1893	15,190 m ²
5 - PARAMOS	1915	5,590 m ²

Quadro 1 - Ano de Construção e Área dos Cemitérios de Espinho

Da análise do Quadro 1 observa-se que os cemitérios foram construídos entre 1863 (Anta) e 1915 (Paramos), tendo atualmente uma área que varia entre 3.370 m² de Guetim e de 15.190 m² de Espinho.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

A Figura 32 ilustra a localização geográfica no Concelho de Espinho dos 5 cemitérios objeto do estudo de caso.



Figura 32 - Localização dos 5 cemitérios do concelho de Espinho

Nos subpontos seguintes são caracterizados os cemitérios de Anta, Guetim, Paramos, Silvalde e Espinho.

V.2 - Cemitério de Anta

V.2.1 - Enquadramento territorial

As origens de Anta perdem-se no tempo, assim o atesta o seu próprio nome, o qual, representado um monumento megalítico de profundo significado místico e religioso, que in illo tempore terá existido no seu território, pressupõe a existência do homem pré-histórico em terras da freguesia

Na primeira metade do século XI, Anta torna-se num local de culto religioso, pelo descrito em Rodrigues, A. (1996) que refere que a origem da localidade remonta à antiguidade, atendendo a que o Padre Miguel de Oliveira, menciona a data de 1037, para a fundação do Mosteiro de Anta pelo Abade Tudelio (Mosteiros Antigos do Norte de Portugal).

Em 1220, a paróquia de Anta já integrava a Diocese do Porto; documentação de 1320, refere o funcionamento de uma igreja no lugar de Esmojães, pelo descrito em Bouçon, A. (2006).

Entre os anos de 1864 a 1920, Anta pertenceu ao concelho de Feira, sendo que passou a fazer parte do concelho de Espinho pelo decreto nº 12.457, de 11/10/1926.

Em 1926, e depois de vários séculos de permanência no concelho da Feira, Anta passou a fazer parte do concelho de Espinho, pelo descrito em Bouçon, A. (2006).

Em termos demográficos, como se observa na Figura XXX, a população da freguesia de Anta, a partir de 1900 apresentou um crescimento até 2001, tendo posteriormente infletido esse sentido, registando-se em 2021, 10.021 habitantes.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

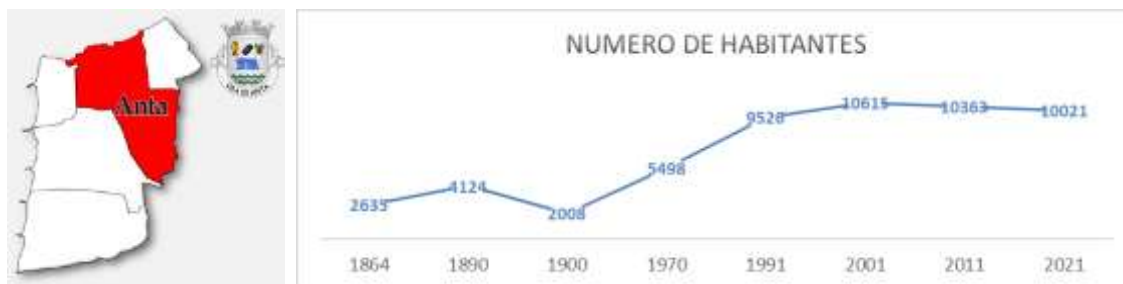


Figura 33 - Localização e registo da população da freguesia de Anta (1894 – 2021)

Fonte: <https://populacaodistritodeaveiro.jimdofree.com/espinho-1/as-freguesias/>

V.2.2 - Origens e referências do Cemitério

As figuras seguintes representam a implantação do cemitério relativamente ao enquadramento urbano no território da freguesia numa escala micro.



Figura 34 - Localização do Cemitério de Anta

O ano de 1903 encontra-se plasmado no portão de uma das entradas do cemitério, no entanto encontramos em Rodrigues, A. (1996; p. 253) referências da existência do mesmo em data anterior “Aos dezassete dias do mez d’Agosto do anno de mil oitocentos e sessenta e cinco, concerto da Igreja Parrochial e Cemiterio”, assim poderá ser este o ano mais próximo da origem do cemitério.

Localizado em terrenos contíguos à Nascente da Igreja Matriz é circundado a norte e a Sul por um núcleo urbano de baixa densidade constituído por moradias unifamiliares de dois pisos.

A nordeste a classificação do solo rústico com a recente alteração do PDM passou a espaços de atividades económicas, limitando novas ampliações do equipamento destinado a inumações.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

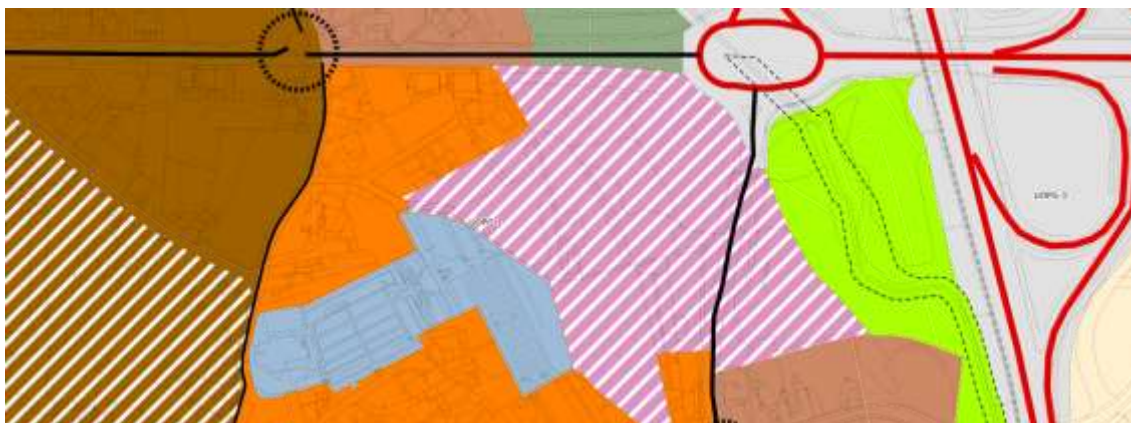


Figura 35 - Extrato do PDM classificação de solo em Anta



Figura 36 - Imagens do cemitério de Anta

De acordo com Alberto Álvaro Garcia, Eliana de Almeida Pinto e João Evangelista Fonseca (2018, .p 122.),

“Os cemitérios paroquiais integram-se nos bens do domínio público das freguesias, assim ..., a utilização desses terrenos (para utilização de sepulturas, jazigos e ossários) é atribuído ao titular apenas o direito de uso privativo daquela sepultura, jazigo ou ossário.

Segundo os representantes da autarquia, na pessoa do Sr. Fernando Fernandes, esse direito atribuído em detrimento de salvaguarda de espaços para inumações temporárias (prazo de cinco anos), condiciona a gestão da reutilização das sepulturas existentes.

Com o aumento demográfico da população residente, conforme plasmado anteriormente, e a redução de sepulturas disponíveis para inumações temporárias, foram as ampliações do espaço físico a solução adotada no território em estudo.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

Nas figuras 34 e 35 estão representadas as quatro ampliações que o cemitério de Anta sofreu ao longo do espaço temporal da sua existência.



Figura 37 - Ampliações Anos 1900 e 1920



Figura 38 - Ampliações Anos 1500 e 1990

V.2.3 - Caracterização e Morfologia



Figura 39 - Planta sem escala cemitério de Anta

O espaço cimiterial desenvolve-se em duas plataformas com diferença de aproximadamente sete metros, interligadas pelo interior com acessos verticais sem recurso a rampas para circulação de pessoas com limitações motoras.

Os acessos ao interior do cemitério são realizados por quatro entradas pedonais, três antecedidas por um elemento urbano arborizado, a praça denominada “Souto”, e duas laterais a entrada principal, sendo que a do lado poente permite o acesso para veículos de serviço de manutenção.

Os espaços de inumação implantam-se em talhões de forma retangular, com ocupações diferenciadas que podemos enunciar em quatro tipos.



- Perímetro ocupado por jazigos de inumação perpetua que orientam a circulação do espaço, sendo o interior ocupado por jazigos temporários e/ou perpétuos com acesso muito reduzido.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

• Frente ocupado por jazigos de inumação perpetua e/ou temporárias delimitando as frentes de talhões, de costas voltadas entre si.

• Duas frentes que limitam acesso principal de circulação ocupado por jazigos de inumação perpétuas e/ou temporárias.

•

•

• Uma frente continua, adossada aos muros limítrofes do cemitério que na maioria dos casos se implantam ossários e Jazigos capela.

Existe um elemento adossado as escadas de acesso a plataforma de inumação de cota mais baixa, constituído por compartimentos destinados a ossários que acondicionam as exumações das sepulturas temporárias.

Como elementos de apoio ao acondicionamento do defunto até ao processo de inumação existem duas capelas mortuárias.

Uma adossada a igreja com capacidade para a realização de um velório e outra no interior do cemitério com capacidade para acondicionamento de dois velórios.

No entanto, a sua implantação no interior dos espaços de inumação é rejeitada para utilização atendendo a questões de desconforto emocional dos utilizadores.

Assim, frequentemente e atendendo a reduzida capacidade da capela mortuária existente, é utilizada para esses fins uma capela adossada a casa particular do inicio do sec. XX, afastada cerca de 800 m do espaço cemiterial.

Apresenta-se seguidamente o quadro síntese das características do cemitério.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
 “Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

Sintetização das características do Cemitério de Anta			
			IDENTIFICAÇÃO
CONCELHO	ESPINHO	FREGUESIA	ANTA
ÁREA IMPLANTAÇÃO			11 200,00 m ²
			DADOS NUMÉRICOS
ELEMENTOS INTERNI	CAPELA MORTUARIA		2,00 un
	JAZIGOS PERPETUOS		3 028,00 un
	JAZIGOS TEMPORARIOS		73,00 un
	JAZIGOS CAPELA		5,00 un
	OSSARIOS		135,00 un
	ACESSOS PEDONAIS		5,00
	APARCAMENTO a)		25,00
			NOTAS FINAIS
a) Considera-se apenas para estacionamento a zona envolvente aos acessos do cemiterio			

Quadro 2 - Sintetização das características do Cemitério de Anta

V.2.4 - Breve nota final de avaliação sobre o Cemitério de Anta

O núcleo central de serviços da freguesia integra o espaço cemiterial que não se constitui como condicionador de desenvolvimento urbano, no entanto o mesmo apresenta varias carências e condicionantes ao seu uso.

Apesar de se constatar uma melhoria progressiva e funcional, nas vias de circulação interiores e nos espaços de inumação nas várias ampliações que o espaço sofreu ao longo dos anos da sua existência enquanto cemitério público, consideram-se insuficientes para um espaço cuja função não é limitada ao enterramento.

Os equipamentos de apoio existentes como capela mortuária, sanitário, espaço de acondicionamento de ferramentas e instalações de pessoal encontram-se dispersos e desarticulados.

Sendo a diferença de nível de sete metros entre as duas plataformas que compõe o espaço interligadas por acesso em escadas, o uso por pessoas com mobilidade condicionada não

é possível. Desta forma, não está garantida uma condição essencial para o pleno exercício de direitos de cidadania consagrados na Constituição Portuguesa.

Na última ampliação do cemitério verifica-se a intenção de criação de zonas de sombreamento com a definição de áreas permeáveis do solo e floreiras comuns que contrariem o sentido de tristeza que o espaço envolve.

No entanto, apenas se verifica a implantação pontuada e reduzida de espécies arbóreas de medio porte, não existindo qualquer espécie plantada nas floreiras comuns, tornando inútil a intenção dos autores.

Em suma, o Cemitério de Anta, para além da sua função primária de enterramentos carece de valências associadas aos usos e costumes ainda enraizados pelo culto da campa, assim como de um espaço físico ecuménico que possa agregar as exéquias fúnebres com conforto e privacidade.

V.3 - Cemitério de Guetim

V.3.1 - Enquadramento territorial

Consultado o Arquivo Distrital de Aveiro verificou-se que as referências escritas à freguesia são muito anteriores à fundação da Nacionalidade.

Num documento de 1025, surge a referência a «villa eccliosiale».

Ao longo dos séculos, escreveu-se Getym, Gitim, Gitji, Quetini e Quetin..”

Segundo Rodrigues, A. (1995; pp. 13) “Montar Guetim, no enorme puzzle que foram a formação de freguesia, na antiguidade, é complexo.”, pela raridade de documentos antigos de referencia direta à terra de Guetim.

Guetim entre 1864 a 1920 fazia parte do concelho de Vila Nova de Gaia, distrito do Porto, sendo transferida para o de Espinho, distrito de Aveiro, pelo decreto nº 12.457, de 11 outubro de 1926.

Em termos demográficos, como se observa na Figura XXX, a população da freguesia de Guetim, a partir de 1900 apresentou um crescimento até 1991, tendo posteriormente infletido esse sentido, registando-se em 2021, 1350 habitantes.

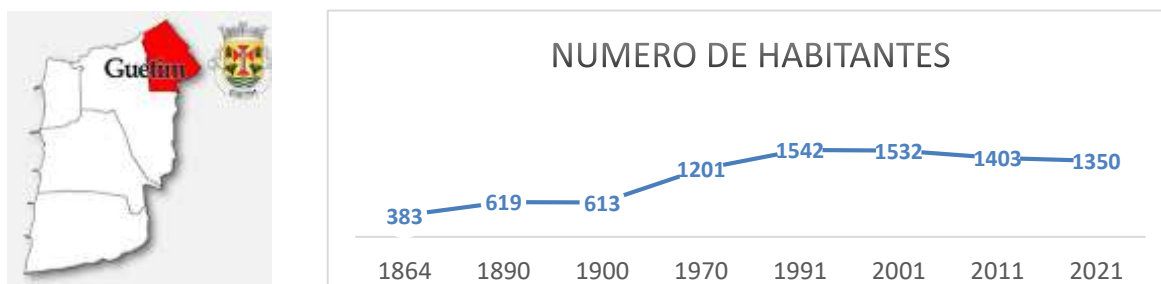


Figura 40 - Localização e registo da população da freguesia de Guetim (1894 - 2021)

Fonte <https://populacaodistritodeaveiro.jimdofree.com/espinho-1/as-freguesias/>

V.3.2 - Origens e referências do Cemitério

As figuras seguintes representam a implantação do cemitério relativamente ao enquadramento urbano no território da freguesia numa escala micro.



Figura 41 - Localização do Cemitério de Guetim

O ano de 1882 encontra-se plasmado no portão de entrada do cemitério, no entanto encontramos em Rodrigues, A. (1996; pp. 253) referencias da existência do mesmo em data anterior “Aos dezasete dias do mez d’Agosto do anno de mil oitocentos e sessenta e cinco,...concerto da Igreja Parrochial e Cemiterio”, assim poderá ser este o ano mais próximo da origem do cemitério.

O cemitério implantado à Norte da Igreja Matriz, encontra-se a uma cota elevada em relação a arruamento municipal que o circunda a Nascente.

A envolvente, a Poente e Norte, apresenta-se com terrenos agrícolas, pontuada por moradias unifamiliares de dois pisos que formam uma faixa urbana de baixa densidade, no entanto a classificação do solo definida no PDM permite a consolidação de solo urbano em toda a envolvente do cemitério.

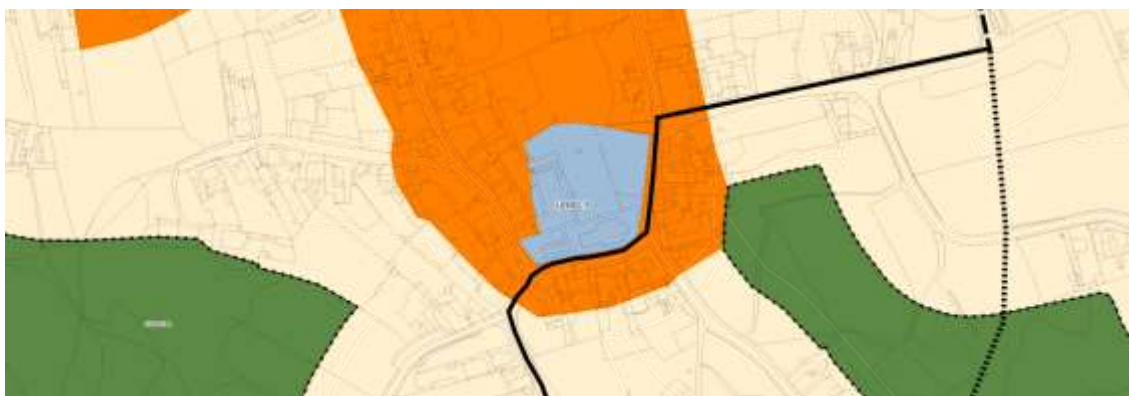


Figura 42 - Extrato do PDM classificação de solo em Guetim

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”



Figura 43 - Imagens do Cemitério de Guetim

A semelhança das restantes freguesias do concelho, Guetim registou aumento demográfico da população residente, no entanto e apesar da salvaguarda de espaços para inumações temporárias, as ampliações do espaço físico foi a solução adotada no território em estudo.

Segundo o vice presidente da autarquia Sr Manuel Calisto, apesar de existirem cerca de 30 sepulturas temporárias, esta prevista ampliação para norte do espaço com a intenção de implantação de aproximadamente 70 sepulturas.

Na figura 42 é representada a ampliação que o cemitério de Guetim sofreu ao longo do espaço temporal da sua existência, segundo enunciado em Rodrigues, A. (1996; pp. 239).

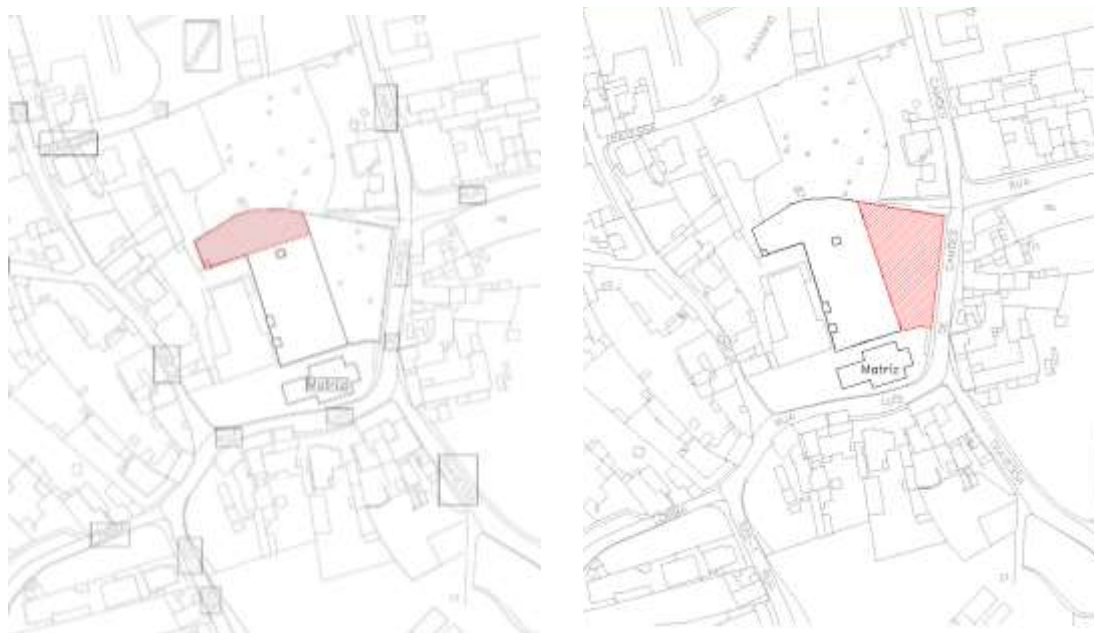


Figura 44 - Ampliações Anos 1918 e 1970

V.3.3 - Caracterização e Morfologia



Figura 45 - Planta sem escala Cemitério de Guetim

Os dois acessos pedonais ao interior do cemitério são antecedidos por um elemento urbano arborizado que integra o adro da Igreja Matriz.

Existe ainda um acesso do lado Norte com comunicação ao arruamento rodoviário principal que permite o acesso para veículos de serviço de manutenção.

O espaço cimiterial implantado numa cota elevada em relação aos acessos dos arruamentos limita a utilização a pessoas com limitações motoras e apresenta condicionalismos físicos para implementação de mecanismos que corrijam esta situação.

Os espaços de inumação implantam-se em talhões de forma retangular, com ocupações diferenciadas que podemos enunciar em três tipos.



- Perímetro ocupado por jazigos de inumação perpetua que orientam a circulação do espaço, sendo o interior ocupado por jazigos temporários e/ou perpétuos com acesso muito reduzido.



- Duas frentes que limitam acesso principal de circulação ocupado por jazigos de inumação perpetuas e/ou temporárias.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
 “Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

- Uma frente continua, adossada aos muros limítrofes do cemitério que na maioria dos casos se implantam ossários e Jazigos capela.

Existe dois elementos adossados ao muro de vedação a Norte destinados a ossários que acondicionam as exumações das sepulturas temporárias, sendo que a sua ocupação se regista a 40 %.

Como elemento de apoio ao acondicionamento do defunto até ao processo de inumação existe uma capela mortuária contigua a Sul do espaço cemiterial, com capacidade para acondicionamento de um velório.

Apresenta-se seguidamente o quadro síntese das características do cemitério.

Sintetização das características do Cemitério de Guetim			
IDENTIFICAÇÃO			1
CONCELHO	_____	ESPINHO	
		FREGUESIA	_____
			GUETIM
ÁREA IMPLANTAÇÃO	_____		3 370,00 m ²
DADOS NUMÉRICOS			2
ELEMENTOS INTERNI	CAPELA MORTUARIA	_____	1,00 un
	JAZIGOS PERPETUOS	_____	530,00 un
	JAZIGOS TEMPORARIOS	_____	a) 80,00 un
	JAZIGOS CAPELA	_____	3,00 un
	OSSARIOS	_____	63,00 un
	ACESSOS PEDONAI	_____	3,00
APARCAMENTO	_____	b) 5,00	
NOTAS FINAIS			3
a) Existem 50 jazigos destinados a crianças			
b) Considera-se apenas para estacionamento a zona envolvente aos acessos do cemitério			

Quadro 3 -Sintetização das características do Cemitério de Guetim

V.3.4 - Breve nota final de avaliação sobre o Cemitério de Guetim

Dos cinco espaços cemiteriais em estudo, o de Guetim desde o espaço público original do século XIX, apresenta-se com critérios bem estruturados no que concerne as vias de circulação internas e espaçamento entre jazigos e ordenamento.

O espaço cemiterial não se constitui como condicionador de desenvolvimento urbano, já que se encontra em espaço consolidado e afastado núcleo central de serviços da freguesia.

A localização em cota elevada em relação aos acessos viários e pedonal condiciona o uso de pessoas com mobilidade condicionada, no entanto com auxílio de terceiros até a entrada de acesso ao cemitério, permite no seu interior, mobilidade satisfatória.

Atendendo a não ser expectável uma variação demográfica crescente, conforme o registo dos últimos 150 anos e a dimensão do espaço cemiterial existente, constata-se que os equipamentos de apoio existentes se consideram suficientes.

Apesar de inexistência de espaço físico ecuménico para a realização as exéquias fúnebres a capela mortuária, embora de limitada a sua capacidade, confere conforto mínimo para os utentes.

V.4 - Cemitério de Paramos

V.4.1 - Enquadramento territorial

Data de 897 uma referência à Lagoa de Paramos, publicada nos Port.Mon.Hist.et Ch XII, num documento do mosteiro de Pedroso.

Outra referência consta do Livro Preto da Sé de Coimbra e figura também nos Dipl. et Ch. sob o nº XXV, datado de 922, no entanto refere Sá, M. (1937; pp. 53) “ o primeiro documento que faz menção da vila de Paramos é do ano 1013, do tempo de Sancho, rei de Navarra, que chegou a dominar quâsi todos os territórios cristãos da península.

Paramos integra o concelho de Espinho a partir de 11 de outubro de 1926 por decreto nº 12.457, pois entre 1864 a 1920 fazia parte do concelho da Feira.

Em termos demográficos, como se observa na Figura XXX, a população da freguesia de Paramos, apresentou um crescimento desde 1864 até 1991, tendo infletido esse sentido, até 2021 registando-se à data dos censos 3.127 habitantes.

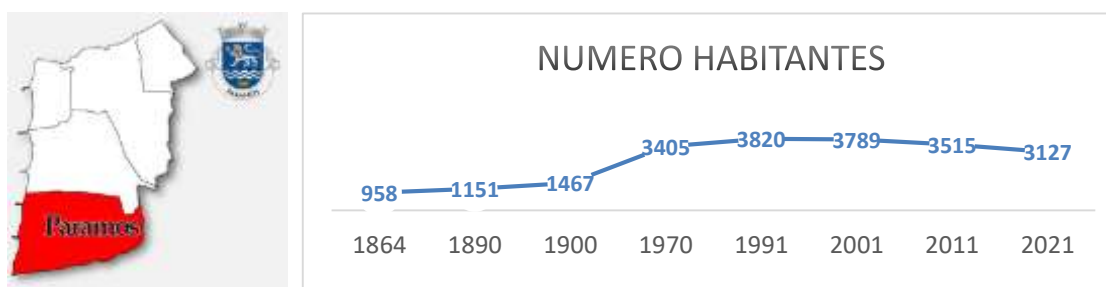


Figura 46 - Localização e registo da população - freguesia de Paramos (1894 - 2021)

Fonte <https://populacaodistritodeaveiro.jimdofree.com/espinho-1/as-freguesias/>

V.4.2 - Origens e referências do Cemitério

As figuras seguintes representam a implantação do cemitério no território da freguesia de Paramos relativamente ao enquadramento urbano no território numa escala micro.



Figura 47 - Localização do Cemitério de Paramos

Consultados documentos diversos, nomeadamente “Monografia de Paramos” Sá. Ferreira Manuel (1937), não se encontra referencia inequívoca do ano de construção do cemitério. Constata-se no Jazigo capela que a referencia mais antiga plasmada no painel de lousa é o ano de 1894, que é tomada como data mais próxima a considerar como origem do espaço cimiterial.

O cemitério apoiado em arruamento tangente a poente localiza-se a uma cota acima de dois metros, entre a Igreja Matriz, e faixa urbana de baixa densidade.

A envolvente a Nascente classificada no PDM como solo urbano apresenta-se com cultura florestal em toda a envolvente do cemitério.

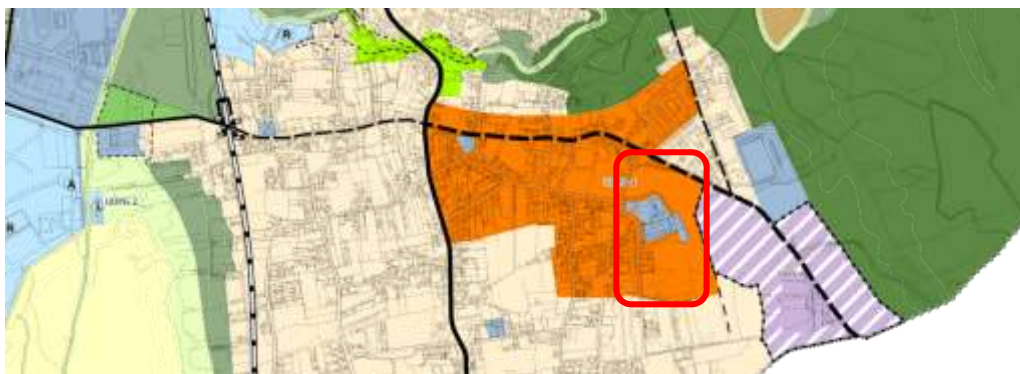


Figura 48 - Extrato do PDM classificação de solo em Paramos

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

No entanto, foi aprovado a 8 de agosto de 2022 um estudo urbanístico com sentido de criar uma nova centralidade na freguesia de Paramos.

Segundo Miguel Reis, Presidente da Câmara, este estudo permitira numa área global de 35 hectares, consolidar uma zona habitacional, melhorar as infraestruturas de acesso rodoviário e criar uma área de 14 hectares afeta à exploração de atividades económicas, possibilitando a criação de uma nova zona industrial.



Figura 49 - Extrato do estudo nova classificação de solo



Figura 50 - Imagens do Cemitério de Paramos

As ampliações do espaço de inumação foi a opção recorrente à semelhança do ocorrido nas restantes freguesias do concelho.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

Nas figuras 49 e 50 estão representadas as quatro ampliações que o cemitério de Paramos sofreu ao longo do espaço temporal da sua existência.



Figura 51 - Ampliações do Ano de 1900 e 1920



Figura 52 - Ampliações do Ano de 1950 e 1985

V.4.3 - Caracterização e Morfologia



Figura 53 - Planta sem escala Cemitério de Paramos

São duas as entradas pedonais com acesso direto a partir dos passeios do arruamento, sendo uma adaptada com rampa que permite o acesso a pessoas com deficiência motora.

A Norte existe um arruamento em terra batida que permite o acesso para veículos de serviço de manutenção.

Os espaços de inumação implantam-se em talhões de forma retangular, com ocupações diferenciadas que podemos enunciar em três tipos.



- Perímetro ocupado por jazigos de inumação perpetua que orientam a circulação do espaço, sendo o interior ocupado por jazigos temporários e/ou perpétuos com acesso muito reduzido.



- Frente ocupado por jazigos de inumação perpetua e/ou temporárias delimitando as frentes de talhões, de costas voltadas entre si.



Uma frente continua, adossada aos muros limítrofes do cemitério que na maioria dos casos se implantam ossários e Jazigos capela.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
 “Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

Um caso particular constatado neste espaço foi a inexistência de conjunto de espaços individualizados ossários destinados a acondicionar as exumações das sepulturas temporárias.

Existe um compartimento único abaixo da cota do pavimento com uma data plasmada de 1954, que se presume seja a data da sua construção.



Figura 54 - Ossário e localização no espaço cemiterial

Como elementos de apoio ao acondicionamento do defunto até ao processo de inumação existe uma capela mortuária no exterior dos muros de limitação com capacidade para dois velórios em simultâneo.

Apresenta-se seguidamente o quadro síntese das características do cemitério.

Sintetização das características do Cemitério de Paramos			
IDENTIFICAÇÃO			1
CONCELHO	ESPINHO	FREGUESIA	PARAMOS
ÁREA IMPLANTAÇÃO			5 590,00 m ²
DADOS NUMÉRICOS			2
ELEMENTOS INTERNI	CAPELA MORTUARIA	a) 1,00	un
	JAZIGOS PERPETUOS	1 168,00	un
	JAZIGOS TEMPORARIOS	5,00	un
	JAZIGOS CAPELA	15,00	un
	OSSARIOS	1,00	un
	ACESSOS PEDONAIS	2,00	
	APARCAMENTO	b) 30,00	
NOTAS FINAIS			3
a) Capacidade para dois finados b) Considera-se apenas para estacionamento a zona envolvente aos acessos do cemiterio			

Quadro 4 - Sintetização das características do Cemitério de Paramos

V.4.4 - Breve nota final de avaliação sobre o Cemitério de Paramos

O espaço cemiterial de Paramos, foi construído prioritariamente para a função primária que se destina (inumações) sendo que registam algumas limitações nas vias internas de circulação e espaçamento entre jazigos.

Constata-se uma melhoria progressiva e funcional tanto das vias de circulação interiores como nos espaços de inumação nas varias ampliações que o espaço sofreu ao longo dos anos da sua existência como cemitério público.

A localização em cota elevada em relação aos acessos viários e pedonal limita o uso de pessoas com mobilidade condicionada, no entanto a entrada de acesso a Sul possui rampa que permite, mobilidade satisfatória.

O espaço cemiterial não se constitui condicionador de desenvolvimento urbano, já que se encontra em aprovação um estudo urbanístico com sentido de criar uma nova centralidade na freguesia de Paramos.

Nas últimas ampliações do cemitério verifica-se a não implementação de zonas de sombreamento e apenas reduzidas floreiras que não permitem contrariar o sentido de tristeza que o espaço envolve.

Atendendo a não ser expectável uma variação demográfica crescente, conforme o registo dos últimos 150 anos e a dimensão do espaço cemiterial existente, constata-se que estão previstas ampliações apenas para aumentar a oferta de aquisição, perpétua dos espaços de inumação.

V.5 - Cemitério de Silvalde

V.5.1 - Enquadramento territorial

De Faustino. A (2000; p. 32), inventário artístico de Portugal, editado pela Academia Nacional de Belas-Artes de Lisboa em 1981, foi extraído o texto que a seguir nos dá um importante apontamento do passado histórico Silvalde no: “Em documento do ano de 1043, de doação de Pousada de santa Cruz ao mosteiro de Anta, aparece o nome de Silvalde ...”

Podemos constatar em Faustino. A (2000; p. 109), que a Paróquia de Silvalde começaria a ser povoada, pelo menos a partir do sec. X e que progressivamente foi aumentando demograficamente através dos seculos seguintes.

Esta freguesia foi anexada ao concelho de Espinho, por decreto de 11 de outubro de 1926. anteriormente pertencia ao concelho da Feira, de cujo foral dado a 10 de novembro de 1514, beneficiou (Correia de Azevedo, 1961).

Com efeito, entre os anos de 1864 a 1920 a freguesia integrava o concelho da Feira, sendo transferido para o de Espinho pelo decreto nº 12.457, de 11/10/1926

Em termos demográficos, como se observa na Figura XXX, a população da freguesia de Silvalde, apresentou um crescimento desde 1864 até 1991, tendo inflitado esse sentido, até 2021 registando-se à data dos censos 6.108 habitantes.

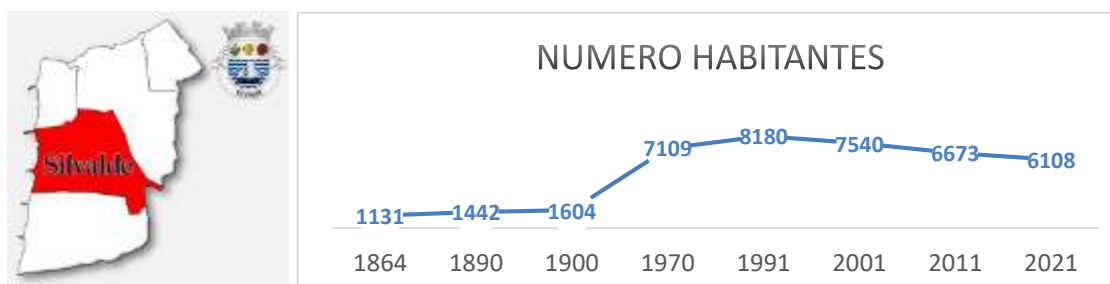


Figura 55 - Localização e registo da população da freguesia de Silvalde (1894 -2021)

Fonte <https://populacaodistritodeaveiro.jimdofree.com/espinho-1/as-freguesias/>

V.5.2 - Origens e referências do Cemitério

As figuras seguintes representam a implantação do cemitério relativamente ao enquadramento urbano no território da freguesia numa escala micro.



Figura 56 - Localização do Cemitério de Silvalde

Como descrito em Faustino, A. (2000; pp. 335) o antigo cemitério se teria situado ligeiramente a Norte da antiga Igreja, cujos terrenos são os que atualmente se encontram ocupados com todo o corpo da Igreja Matriz.

O espaço cemiterial actual situa-se a Sul da Igreja matriz e desde 1881, de acordo com o descrito em Faustino, A. (2000; pp. 338,339) em reunião da Junta de freguesia de 14 junho de 1881 foi deliberado ... tomar ao seu cargo a construção do mesmo cemitério e em Faustino, A. (2000; pp. 347) refere que ...o primeiro alargamento verificado no cemitério desde a sua edificação no ano de 1881.

A envolvente a Poente e Norte apresenta-se com terrenos agrícolas, pontuado por moradias unifamiliares de dois pisos que formam uma faixa urbana de baixa densidade

O espaço cemiterial, encontra-se é circundado por núcleo urbano de baixa densidade constituído por moradias unifamiliares de dois pisos.

Os acessos ao interior do cemitério são realizados por três entradas pedonais duas pelo adro da igreja e uma pelo arruamento municipal.

A quase a totalidade do espaço cemiterial caracteriza-se por secções de inumação, que se desenvolvem em forma retangular.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

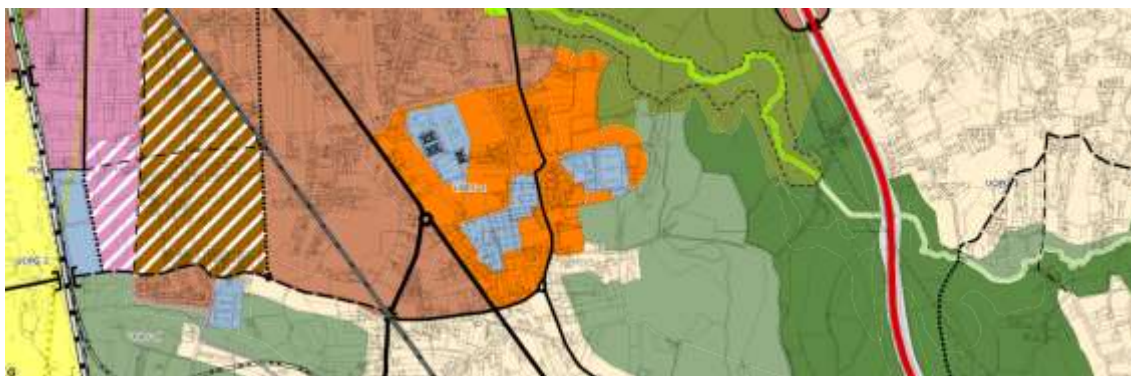


Figura 57 - Extrato do PDM classificação de solo em Silvalde



Figura 58 - Imagens do Cemitério de Silvalde

Segundo o Presidente da junta de freguesia de Silvalde, Sr. José Teixeira, a concessão do direito atribuído para a ocupação perpétua de jazigos, em detrimento de salvaguarda de espaços para inumações temporárias, condiciona a gestão da reutilização das sepulturas existentes.

Na sequência sequência das políticas da Autarquia foi adquirido terreno contíguo com aproximadamente 900 m² com o objetivo de ampliação do espaço a Norte.

O Presidentae da Junta manifestou a intenção e a necessidade ,de solicitar intervenção de Arquiteto para a conceptualização do espaço a ampliar, dado a mudança de paradigma que se manifesta na atualidade.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

Nas figuras 57 e 58, são representadas as quatro ampliações que o cemitério de Silvalde sofreu ao longo do espaço temporal da sua existência segundo enunciado em Faustino, A. (2000; pp. 354;363;374).



Figura 59 - Ampliações do Ano de 1967 e 1989



Figura 60 - Ampliações do Ano de 1991 e 2006

V.5.3 - Caracterização e Morfologia



Figura 61 - Planta sem escala Cemitério de Silvalde

O espaço cimiterial desenvolvesse em duas plataformas com diferença de aproximadamente um metro, interligadas pelo interior com acessos verticais sem recurso a rampas para circulação de pessoas com limitações motoras.

Os espaços de inumação implantam-se em talhões de forma retangular, com ocupações diferenciadas que podemos enunciar em três tipos.



- Perímetro ocupado por jazigos de inumação perpetua que orientam a circulação do espaço, sendo o interior ocupado por jazigos temporários e/ou perpétuos com acesso muito reduzido.



- Frente ocupado por jazigos de inumação perpetua delimitando as frentes de talhões, de costas voltadas entre si.



- Uma frente continua, adossada aos muros limítrofes do cemitério que na maioria dos casos se implantam os Jazigos capela.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
 “Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

O elemento constituído por compartimentos destinados a ossários que acondicionam as exumações das sepulturas temporárias encontrasse adossado ao muro limítrofe a Sul/Poente.

Existe uma capela no interior do espaço cemiterial, que não é destinada à realização de velórios, mas para o acondicionamento dos defuntos cujo falecimento se registre ao fim de semana atendendo ao regulamento municipal que não contempla enterramentos nesse período semanal.

A ausência de um espaço para realização de velórios do defunto até ao processo de inumação, é realizada no interior das capelas religiosas existentes na freguesia.

Apresenta-se seguidamente o quadro síntese das características do cemitério.

Sintetização das características do Cemitério de Silvalde					
			IDENTIFICAÇÃO	1	
CONCELHO	_____	ESPINHO	FREGUESIA	_____	SILVALDE
ÁREA IMPLANTAÇÃO				8 300,00	m ²
			DADOS NUMÉRICOS	2	
ELEMENTOS INTERNI	CAPELA MORTUARIA	_____	a) 0,00	un	
	JAZIGOS PERPETUOS	_____	1 807,00	un	
	JAZIGOS TEMPORARIOS	_____	131,00	un	
	JAZIGOS CAPELA	_____	26,00	un	
	OSSARIOS	_____	80,00	un	
	ACESSOS PEDONAIS	_____	2,00		
APARCAMENTO	_____	b) 10,00			
			NOTAS FINAIS	3	
a) Existe apenas uma capela mortuária externa sendo os velórios realizados em 3 capelas religiosa existentes na freguesia b) Considera-se apenas para estacionamento a zona envolvente aos acessos do cemiterio					

Quadro 5 - Sintetização das características do Cemitério de Silvalde

V.5.4 - Breve nota final de avaliação sobre o Cemitério de Silvalde

Pelo observado nas visitas realizadas ao Cemitério de Silvalde, constata-se que, as ampliações que o espaço sofreu ao longo dos anos da sua existência não contribuíram para a melhoria funcional do espaço, nomeadamente das vias internas de circulação, isenção de implementação de valências e espaços verdes, resumindo-se a implantação de espaços de inumação na área disponível.

Não se observa em todo o espaço interno condições de uso para pessoas com mobilidade condicionada.

A localização do espaço cemiterial constitui-se como condicionador de desenvolvimento urbano, atendendo a que está inserido, no núcleo central de serviços da freguesia.

Os equipamentos de apoio existentes como, sanitário espaço de acondicionamento de ferramentas e instalações de pessoal encontra-se dispersos e desarticulados.

A freguesia carece de um espaço físico ecuménico que possa agregar as exéquias fúnebres com conforto, e privacidade que o momento necessita, complementados com valências dos usos e costumes ainda enraizados pelo culto são inexistentes.

V.6 - Cemitério de Espinho

V.6.1 - Enquadramento territorial

Segundo descrito em Pacheco (1989: 92), "o curto passado de Espinho não lhe permite possuir história, eventos e tradições como outras terras portuguesas, que têm o património enriquecido pela existência multissecular”.

Espinho (...) teve a sua origem num vasto areal denominado “Espinho-Mar” e que, com “Espinho-Terra”, constituía, em meados do século XVII, o Lugar de Espinho, da freguesia de S. Félix da Marinha, do concelho de Vila Nova de Gaia” (Gaio 1999, p.60).

Em 1807, residiam na praia cento e vinte e cinco casais de pescadores, que teriam que cumprir as suas obrigações religiosas na igreja paroquial de São Martinho de Anta, freguesia do Concelho da Feira, da qual a praia ou costa de Espinho era um lugar (Brandão, Francisco de Azevedo, 1983).

A Freguesia de Espinho foi criada por decreto de 30 dezembro de 1890, com lugares da freguesia de Anta.

Em 17 agosto de 1899 passou a fazer parte do concelho de Espinho criado nesta data.

Em termos demográficos, como se observa na Figura XXX, a população da freguesia de Espinho, apresentou um crescimento desde 1900 até 1991, tendo infletido esse sentido, até 2011, registando-se novo crescimento até 2021 que atingiu os, 10.434 habitantes.

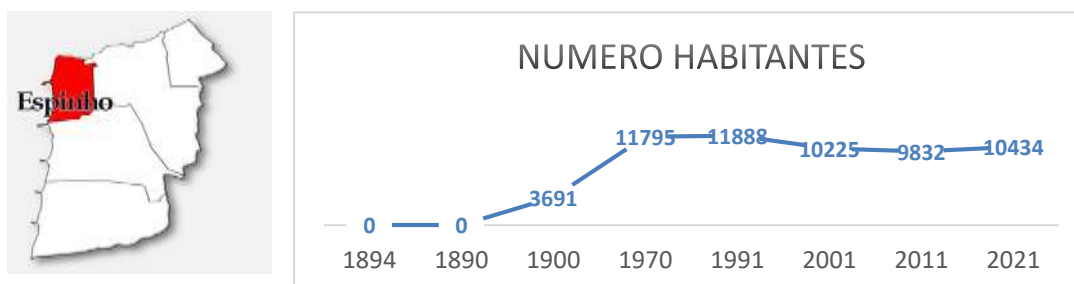


Figura 62 - Localização e registo da população - freguesia de Espinho (1900 – 2021)

Fonte <https://populacaodistritodeaveiro.jimdofree.com/espinho-1/as-freguesias/>

V.6.2 - Origens e referências do Cemitério

As figuras seguintes representam a implantação do cemitério relativamente ao enquadramento urbano no território da freguesia numa escala micro.



Figura 63 - Localização do Cemitério de Espinho

Pelo descrito em AJFE: (Cemitério I, 1 de junho de 1891) o equipamento em questão (Cemitério de Espinho) figura no orçamento da Câmara Municipal da Feira correspondente ao ano de 1893 (ano de conclusão), tendo, contudo, ficado a cargo da Junta de Paroquia de Espinho, formada em 1889.

Dadas as rivalidades existentes entre a população de Espinho e a de Anta (já detentora de cemitério paroquial), de cada vez que ocorria uma morte, o seu enterro transformava-se numa luta entre populares, já que os de Anta alegavam que se Espinho era uma paróquia independente deveria enterrar os seus mortos no seu território.

O local escolhido é no lugar do Mocho em sítio muito arejado e elevado, ficando no extremo nascente da freguesia e em lugar que não é povoado.

Segundo Hugo Barreira, CITCEM,FLUP, existem três características que o habitante ou visitante de Espinho associa com facilidade a malha urbana regular, a famosa quadrícula; as ruas numeradas; a formação recente do aglomerado, características que foram transportadas para o espaço cemiterial.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”



Figura 64 - Extrato do PDM classificação de solo em Espinho



Figura 65 - Imagens do Cemitério de Espinho

Com o aumento demográfico da população residente, conforme plasmados anteriormente e a redução de sepulturas disponíveis para inumações temporárias, foram as ampliações do espaço físico a solução adotada no território em estudo.

Ao contrario dos restantes espaços em estudo as duas ampliações realizadas neste espaço tiveram como base um estudo fundamentado no calculo de registo de obitos versus espaço disponível para inumações.

Na figura 64 estão representadas as ampliações que o cemitério de Espinho sofreu ao longo do espaço temporal da sua existência.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”



Figura 66 - Ampliações do Ano de 1952 e 1974

V.6.3 - Caracterização e Morfologia



Figura 67 - Planta sem escala Cemitério de Espinho

O espaço cimiterial está contido entre arruamentos que formam a malha urbana e parcela de terreno a Norte.

Área de terreno que condiciona qualquer alargamento do espaço atendendo a que é constituído geologicamente por maciço rochoso, inviabilizando a realização de inumações.

Podemos constatar em planta que os espaços de inumação no espaço original implantam-se em talhões de forma retangular e com ocupações diferenciadas mais evidentes na segunda ampliação do cemitério.

Assim, podemos enunciar em cinco tipologias que seguidamente se descrevem:



- Perímetro ocupado por jazigos de inumação perpetua que orientam a circulação do espaço, sendo o interior ocupado por jazigos temporários e/ou perpétuos com acesso muito reduzido.



- Frente ocupado por jazigos de inumação perpetua e/ou temporárias delimitando as frentes de talhões, de costas voltadas entre si.



- Duas frentes que limitam acesso principal de circulação ocupado por jazigos de inumação perpetuas e/ou temporárias.



- Uma frente contínua, adossada aos muros limítrofes do cemitério onde se implantam ossários e Jazigos capela.



- Perímetro ocupado por jazigos de inumação perpetua que orientam a circulação do espaço, sendo o interior ocupado por jazigos temporários e/ou perpétuos com acesso franco ao interior.

Na segunda ampliação é notória a preocupação do autor do projeto (Arq. Gerónimo dos Reis) de dotar melhorias nos espaços de circulação, acessos as sepulturas, implantação de espécies arbóreas que marcassem o percurso interno da entrada a capela.

Em 2017 o espaço foi alvo de requalificação com sentido de acompanhar as mudanças de paradigma sobre o culto da morte (cremação) e os condicionalismos de expansão do espaço físico para inumações.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO
 “Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cimiteriais”

Apresenta-se seguidamente o quadro síntese das características do cemitério.

Sintetização das características do Cemitério de Espinho				
			IDENTIFICAÇÃO	1
CONCELHO	ESPINHO	FREGUESIA	ESPINHO	
ÁREA IMPLANTAÇÃO				15 190,00 m ²
			DADOS NUMÉRICOS	2
ELEMENTOS INTERNI	CAPELA MORTUARIA		a) 0,00	un
	JAZIGOS PERPETUOS		823,00	un
	JAZIGOS TEMPORARIOS		674,00	un
	JAZIGOS CAPELA		57,00	un
	OSSARIOS		732,00	un
	JAZIGOS INUMAÇÃO AEROBIA		48,00	un
	ACESSOS PEDONAIS		2,00	
	APARCAMENTO		b) 30,00	
			NOTAS FINAIS	3
a) A capela mortuaria encontra-se no Adro da Igreja afastada do cemiterio e com capacidade para quatro finados b) Considera-se apenas para estacionamento a zona envolvente aos acessos do cemiterio				

Quadro 6 - Sintetização das características do Cemitério de Espinho

V.6.4 - Breve nota final de avaliação sobre o Cemitério de Espinho

O cemitério implantado com base nas orientações higienistas a data da sua criação localiza-se no limite administrativo do concelho, tendo sido integrado na malha urbana pelo crescimento da cidade para Norte.

Definido o seu limite num quarteirão sem alternativas de expansão não se constitui como condicionador de desenvolvimento urbano, no entanto carências e condicionantes ao seu uso estão patentes.

A sua limitação espacial não permite a implementação de valências que possam agregar as exéquias fúnebres com conforto e privacidade, assim como capela mortuária, sanitário, espaço de acondicionamento de ferramentas e instalações de pessoal.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO

“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

A capela mortuária integrada no espaço inferior do adro da igreja matriz, foi construída no ano de 1990, de autoria do Arq.º Nuno Lacerda Lopes com capacidade para quatro defuntos em simultâneo é dista cerca de 800 m do cemitério.

Constata-se que a ampliação do cemitério registou atenção a vertente funcional das vias de circulação interiores como nos espaços de inumação, tendo no ano de 2017 sido alvo de uma requalificação com a substituição de espaços de inumação para crianças a implementação de espaço para acondicionamento de cinzas de cremação, assim como a implementação de consumpção Aeróbias.

A utilização de pessoas com mobilidade condicionada é possível apenas por uma das entradas (entrada original).

V.7 - Reflexão sobre as características dos Cemitérios de Espinho

São seguidamente comparadas no quadro 7, características mais relevantes registadas nos cemitérios

	LOCALIZAÇÃO	ANTA	GUETIM	SILVALDE	ESPINHO	PARAMOS
A	AREAS	11.200 m2	3.370 m2	8.300 m2	15.190 m2	5.590 m2
B	SEPULTURAS	3101	610	1173	1497	1938
C	AMPLIAÇÕES	4	2	4	2	4
D	MOBILIDADE E ACESSIBILIDADE	condicionada	condicionada	comprometida	adaptavel	adaptavel
E	ESPAÇO DE VELORIOS	2 1	1 1	3 3	1 4	1 2
F	AREA VERDES	reduzidas e pontuais	reduzidas minemalistas	Não existem	reduzidas e pontuais	reduzidas minemalistas
G	AREAS APOIO	Reduzidas	Reduzidas	Reduzidas	Precarias	Reduzidas

Quadro 7 - Comparação características do Cemitérios Concelho de Espinho

A - As áreas indicadas são aproximadas sendo que os cemitérios de Guetim e Silvalde possuem terrenos adquiridos e/ou em processo de aquisição com intuito de futuras ampliações.

No que se refere ao cemitério de Espinho o seu limite físico inserido na malha urbana e terrenos inadequados ao processo de inumação não lhe permite a opção de ampliação.

B - Considera-se a quantificação das sepulturas apenas a implantação e ocupação da horizontal.

C - Indica-se a quantidade de ampliações que foram realizadas, tendo sempre presente o objetivo económico das administrações destes equipamentos em detrimento de soluções que tivessem em conta a sustentabilidade, o espaço de utilização, a melhoria de enquadramento paisagístico e urbano.

D - Não se constata em qualquer dos espaços cemiteriais acessibilidades mínimas para utentes com mobilidade condicionada.

Os Cemitérios de Espinho e Paramos apresentam condições físicas para a implementação de rampas.

O Cemitério de Anta, pelas diferenças de cota considerável entre as plataformas de inumação e o Cemitério de Guetim pela diferença de cota entre o acesso exterior ao espaço cemiterial e as entradas apresentam-se limitadores de aplicação de meios disponíveis como plataformas elevatórias.

O cemitério de Silvalde apresenta o espaço de circulação interior e os acessos comprometidos a execução de rampas de acesso e plataformas elevatórias assim como o alargamento de arruamentos interiores inviabilizando a possibilidade de adaptação destes meios.

E - Os espaços para a realização dos velórios antecedentes ao processo de inumação estão referidos como numero de espaços físicos e capacidade de defuntos.

O Cemitério de Anta tem o apoio de dois espaços para a realização dos velórios uma adossada a Igreja e outra no interior do cemitério a qual é rejeitada para utilização atendendo a questões de desconforto emocional dos utilizadores.

Atendendo a reduzida capacidade da capela mortuária é recorrente a utilização de uma capela adossada a casa particular do inicio do sec. XX, afastada cerca de 800 m do espaço cemiterial.

O cemitério de Silvalde não possui capela mortuária própria, sendo que os velórios são realizados em três capelas religiosas afetas a religião crista.

O cemitério de Espinho é apoiado por uma capela mortuária com capacidade para quatro defuntos em simultâneo e esta integrada no espaço inferior do adro da igreja matriz, que dista é dista cerca de 800 m do cemitério.

Os Cemitérios de Paramos e Guetim tem o apoio de espaço para a realização dos velórios adossado ao Cemitério com capacidade de realização de dois velórios e um respetivamente.

F – Os cemitérios em estudo carecem da existência de espaço verde que complemente a austeridade que os locais apresentam, reduzindo-se existência de pequenas floreiras ou espécies de pequena dimensão.

CEMITÉRIOS MUNICIPAIS DE ESPINHO

“Um olhar as tendências contemporâneas dos espaços cemiteriais”

G - As áreas de apoio que se registam são parcas e reduzem-se a instalações sanitárias para os utentes e arrecadações de matérias e ferramentas para a manutenção dos locais.

VI – Conclusão

Espinho Concelho litoral com freguesias onde persiste a ruralidade, foi o local escolhido para a análise dos espaços cemiteriais no intuito de recolha de elementos que se aproximassem das maiorias dos espaços existente no território nacional.

Os espaços cemiteriais em estudo mantem apenas uma função redutora e primaria de inumação, registando a capacidade de utilização no limite. O prolongamento dos cemitérios é a solução recorrente adotada para a cedência de utilização dos espaços de inumação (sepulturas perpetuas) em detrimento de implementação de soluções, que garantam sustentabilidade, qualidade e conforto.

Das varias visitas, recolha de elementos e analises aos locais em estudo, foram varias as carências constatadas nestes espaços, como:

A mobilidade e acessibilidade destinadas ao cemitério

Áreas de apoio reduzidas para utentes e precárias para os trabalhadores da manutenção.

Inexistência de espaços verdes, de sombreamento ou mobiliário urbano.

Ausência de espaços ecuménicos que possam acolher os familiares e amigos no decorrer das exéquias

Acessos comprometidos a execução de rampas de acesso e plataformas elevatórias assim como arruamentos interiores sem possibilidade de adaptação aos utentes de mobilidade reduzida.

Foram enumerados neste trabalho alguns exemplos em Portugal e na Europa das tendências de construção de novos espaços cemiteriais de raiz, ampliações e valências associadas a estes nomeadamente Tanatórios, que refletem a adaptação do atual paradigma da morte, assim como novas soluções arquitetónicas e conceitos suportados por diferentes soluções de inumação (decomposição aeróbia) e a Cremação

A intervenção da Arquitetura na reabilitação ou na criação de novos conceitos pode diferenciar estes espaços, sem descaracterizar a cultura e simbolismo que lhe são inerentes, gerar qualidade espacial marcando a diferença das vivências enraizadas, convertendo os cemitérios em locais neutralizados face ao multiculturalismo patente no mundo.

Compatibilizar as diferentes crenças dos utilizadores, são dificuldades presentes no trabalho da Arquitetura funerária. que não se deve reduzir a conceção apenas de jazigos. Criar espaços geradores de urbanidade e dota-los de valências que permitam circular com mobilidade condicionada, contemplar o espaço, refletir e apaziguar o luto,

O culto da sepultura, o sentido de propriedade, e a cultura cemiterial, enraizada nos mistérios da religião, são alguns dos fatores de resistência na implementação de requalificação formal e funcional dos espaços cemiteriais, no entanto o papel do arquiteto deve ser um olhar sempre atento e abrangente que contribuí sempre para o bem comum contrariando interesses instalados, implementando os princípios ecológicos e de sustentabilidade que o futura das novas gerações esperam.

O objetivo deste trabalho não tem a ambição de conseguir encontrar uma solução para os problemas atuais constatados no caso de estudo, mas de dar pistas para a possibilidade de requalificar estes espaços que fazem parte integrante do tecido urbano e/ou a criação de espaços de raiz, ecuménicos, com valências que vão ao encontro do novo paradigma da morte.

Bibliografia

ARIÈS, Philippe. (1988). *O homem perante a morte*. 2ª ed. Mem Martins: Pub.Europa-América.

BARROSO, Cruz (2008). Os vestígios osteológicos humanos do Paleolítico Português. Evolução humana; Antropologia; Arqueologia *Antropologia Portuguesa*, 24/25(1-2), p.82.

BONJARDIM, Solimar. (2010). A morte do cristão em transformação: As cidades e o espaço da morte. *Revista de História e estudos culturais*.7(2), p 1.

BOUÇON, Armando (2006). A vida rural no concelho de Espinho / org. Câmara Municipal de Espinho; textos Armando Bouçon. - Espinho: C.M., D.L. 2006. ,p.27 .

BRANDÃO, Francisco de Azevedo (1983) *ANAIS DA HISTÓRIA DE ESPINHO, 1926-1960* Câmara Municipal de Espinho, Junta de Freguesia de Espinho, 1992

CABAÇO, Patrícia. (2009). *Cemitérios Municipais de Lisboa*. Lisboa, Instituto Superior Técnico, Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

CATROGA, F. (2010). O culto dos mortos como uma poética da ausência. *Artcultura Revista de História, Cultura e Arte* 12(20).

CRUZ, D. J. da. (1988). O Megalitismo do Norte de Portugal. *Trabalhos De Antropologia e Etnologia*, 28(1-2), p.

CYMBALISTA, Renato. (2002). *Cidades dos vivos: arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo*. S.Paulo.Annablume 2002

ESPANHOL,,J. (2013). *A cidade dos Mortos, o caso do cemitério de Canelas*. Porto Universidade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Lusófona do Porto. Dissertação de Mestrado em Arquitetura.

FAUSTINO, Artur, (2000), *Silvalde – Paroquia e Freguesia Milenaria-* Espinho. Edição Junta de Freguesia de Silvalde.

GAIO, C. (1999). *A Génese de Espinho – Histórias e Postais*. Espinho, Campo das Letras Editores S.A.

FERREIRA, J. M. Simões - *Arquitetura para a Morte: a questão cemiterial e seus reflexos na Teoria da Arquitetura*, 2004.

MOREIRA C (2010). *valorização e reconversão de um edifício de arquitetura militar O caso do Forte do Cão*. Universidade Lusíada do Porto. Dissertação de Mestrado em Arquitetura

MUMFORD, Lewis.(1998).*A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo:Martins Fontes.

OLIVEIRA, Maria Manuel (2007). “*In Memoriam, na cidade*”. Tese de Doutoramento em Arquitetura: Universidade do Minho.

RODRIGUES, Albertino, (1995), *Stº Estevão de Guetim subsídios para uma monografia-Volume I*.Espinho. Edição particular do Autor.

SANTO, Maria Alexandra Soares do Espirito. (2020) *o espaço cemiterial moderno um estudo comparativo entre abney park e conchada*, Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra. Dissertação de Me

TORGA, M. (2011).*In Diario XVI*. 5ª edição. Dom Quixote

VIEIRA, Ana Patrícia Bastos, (2010). *THANATORIUM. Da evolução da arquitetura funerária à definição de um Tanatório em Coimbra*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura

Pesquisa na Internet:

FAZENDA,C. (2011) *Arquitetura e cemitérios contemporâneos*, [Em linha] disponível em <http://arquitecturadecemiterios.blogspot.pt/2010/04/infelizmente-em-portugal-salvo.html>. consultado em 26-10-2015.

FREITAS, Maribela (2008). *Cemitérios modernos*. [Em linha] disponível em <http://bpiexpressoimobiliario.pt/cemiterios-modernos=f250> consultado em 30-07-2014].

BIO-CREMAÇÃO OU HIDROLESE [Em linha]. Disponível em
<<http://fornocrematorio.blogspot.com/2011/12/bio-cremacao-ou-hidrolise-alcaina.html>

O ADEUS AO CORPO. COMO A CREMAÇÃO ESTÁ A CONQUISTAR OS
PORTUGUESES,[Em linha]. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2020-06-13->

AMPLIAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO CEMITÉRIO DE SENDIM / LUÍSA [Em
linha]. Disponível em #Ampliação e Conservação do Cemitério de Sendim #Luísa
Valente Arquiteta #Tanatório de Matosinhos